Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 25
26 de setembro de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos. Sejam bem-vindos.

Antes de tudo eu gostaria de fazer um lembrete com relação à seção do Fórum, na página do *Seminário*. Houve ali algumas discussões que tomaram um rumo muito ruim, que terminaram de forma muito agressiva. Eu não sou contra as agressões, quando elas são pertinentes e têm uma utilidade pública, mas em meras discussões pessoais isso realmente não faz o menor sentido.

Eu desejaria lembrar o seguinte: nós criamos essa página de fórum não para debates, mas para troca de informações e para ajuda mútua entre os alunos, como parte da estrutura do nosso processo didático, e não para ser usada para discussões de quaisquer temas – em hipótese alguma. Assim como você, quando entra em uma academia de artes marciais, se compromete a não se envolver em brigas de rua – [pois] até certo ponto, o domínio das artes marciais pode ser considerado uma arma, de maneira que se um faixa-preta de caratê agride um sujeito na rua, ele pode ser acusado não por [mera] agressão, mas por tentativa de homicídio, pelo simples fato de ter aquela qualificação –, do mesmo modo aqui.

A discussão, a polêmica, tanto em filosofia quanto em política, é uma coisa que faz parte do nosso ensino, é uma técnica que vocês vão aprender a um ponto que ninguém poderá discutir com vocês. Eu nunca perdi uma discussão, e vocês são as testemunhas disto. Eu sou um profissional da área, e por isso mesmo não posso sair discutindo qualquer coisa com qualquer um, porque seria covardia. Às vezes, nós aceitamos a discussão e o sujeito faz uma provocação imbecil, a qual nós respondemos somente por uma questão de caridade, [no sentido de] ajudar o indivíduo a compreender aquilo que ele mesmo está fazendo. Ainda que muitas vezes eu dê um puxão de orelha, até humilhe o sujeito, eu sei o que estou fazendo, é calculado. Nada do que eu escrevo é pura auto-expressão emocional. Jamais.

Para utilizar esses instrumentos, nós temos primeiro de adquirir a posse deles (e vocês vão certamente adquirir no decorrer do curso), devendo usá-los com uma finalidade que seja também profissional – não [com a intenção de] ganhar dinheiro com isso, mas [como] uma atividade que você professa, e que publicamente você assume como sua responsabilidade. Você não verá, por exemplo, o Mike Tyson se metendo em brigas de rua: ele simplesmente não pode fazer isso. Se ele der um soco, arranca a cabeça do sujeito.

O profissional adestrado tem de tomar cuidado com o instrumento que tem nas mãos; quer dizer, certos usos desse instrumento são legítimos, outros não o são. E, sobretudo, as discussões pessoais, para o filósofo, para o estudante de filosofia, jamais são legítimas. Ou você entra em uma discussão com uma finalidade didática, de educação pública, politicamente defensável – ou seja, uma atividade que você exerce como cidadão responsável, que está intervindo em uma coisa que tem interesse público –, ou então você não deve discutir de maneira alguma. Lembrem que eu coloquei aqui, no início [do curso], [como] uma das condições para esse aprendizado, o que eu chamei de *voto de pobreza em matéria de opiniões*. É melhor você não ter nenhuma opinião: ou você vai saber, ou você não vai saber. Não que você vá ficar sempre sem opiniões, [mas] vai colocar essas opiniões entre parênteses durante um tempo [para] depois refazê-las, uma por uma. Então, você terá opiniões fundamentadas, opiniões que são intelectualmente responsáveis e que têm valor público; o simples fato de você *achar isto ou aquilo* não significa absolutamente nada. Como diz o Dirty Harry [num] filme, "opinião é como bunda: todo mundo tem". Então a sua não é melhor que a outra.

Agora, se essa opinião lhe deu trabalho, [se] você estudou, dedicou muito tempo àquilo, então ela passa a ter um valor que transcende a sua pessoa. A mera preferência pessoal, você achar isso e o outro achar aquilo, um dizer que é assim e o outro que é doutro modo, nada significa. Eu acho que o direito à livre expressão de opinião deve ser complementado pelo direito de não prestar atenção [à opinião expressa]. Se todo mundo tem o direito de dizer o que acha, [se], entre cem pessoas, todos têm o direito de dizer a sua opinião, [então] os outros noventa e nove [deveriam ter] o direito de ir embora. Ou são obrigados a ficar ali, sentados, escutando besteira?

Para que a sua opinião se torne valiosa, ela tem de ser trabalhada, tem de ter custado alguma coisa. Quanto tempo você levou para criar essa sua opinião? Dois minutos? Então a gente ouve dois minutos e depois vai embora.

Eu sei que, às vezes, há coisas que deram muito trabalho para ser encontradas, inteligidas, e que merecem ser ouvidas, em função do investimento humano que foi colocado nelas. Fora disso, para que ter opiniões? Isso quer dizer que um filósofo é eminentemente um *opinador qualificado*, alguém que vai interferir em certas discussões não com um grau de certeza absoluta, mas com um grau de altíssima probabilidade, derivado do longo exame que ele fez dos assuntos, do exame crítico, da análise etc. Ele traz um patrimônio de conhecimento e de experiência humana quando entra na discussão. Aí sim vale a pena ser ouvido.

Eu posso dizer isso a vocês porque eu fiquei quietinho até os quarenta e oito anos de idade. No começo da minha carreira eu escrevi várias besteiras em jornais, revistas, etc.; eu também tinha opinião sobre tudo. Graças a Deus, esses escritos de juventude desapareceram. Mas eu logo parei com aquilo e percebi que eu não tinha por que flagelar a humanidade com essa descarga dos meus dejetos mentais em forma escrita.

Então fiquei quietinho, passei a escrever somente aquilo que a minha profissão exigia, e não dava opinião sobre nada, [isso] até os quarenta e oito

anos de idade, inspirado também no exemplo de Aristóteles, que entrou na academia platônica com dezenove anos e saiu de lá com trinta e nove. Ele ficou vinte anos ouvindo antes de abrir a boca – a não ser aquelas aulas que o próprio Platão lhe pedia que ministrasse, que eram aulas de natureza técnica sobre a retórica e a dialética.

[Optei pelo voto de pobreza em matéria de opinião] também por ter descoberto ao longo dos estudos que raríssimas obras filosóficas de real valor foram escritas por pessoas jovens. Existe precocidade, por exemplo, em música, em matemática, em poesia, em ciências naturais e em física, mas em filosofia a precocidade é a coisa mais rara que existe. Quando o sujeito estréia na filosofia aos vinte e poucos anos, e todo mundo diz que ele é um gênio, acontece o que aconteceu com Schelling[1], que teve de recomeçar quatro vezes. Ele começou, fez aquele sucesso, daí ele mesmo via que não era assim, e começava de novo. Recomeçou quatro vezes. Eric Voegelin[2] a mesma coisa. Se você ler os primeiros livros dele, como [o livro] *As Religiões Políticas*, **[00:10]** você vê que aquilo foi um começo genial, mas falso; foi um passo em falso. Ele chegou e disse "É assim, assim", e depois "Ôpa, não é assim". Então, para que ficar colocando todos esses ensaios se seria melhor dar o negócio pronto e poupar o tempo das pessoas?

Toda a obra conhecida do próprio Aristóteles começa aos 40 anos, não antes disso (Aristóteles viveu sessenta e poucos anos [384 a.C.-322 a.C.]). O nosso Mário Ferreira dos Santos[3] escreveu um monte de coisas de pouco valor em um primeiro momento, antes de ter aquela intuição do que ele chamou de *Filosofia Concreta*, e daí passou os últimos dezesseis anos da vida escrevendo ou ditando um livro atrás do outro, até morrer. Se você comparar o que o Mário fez nesses últimos dezesseis anos com o que ele escrevia antes, dá a impressão de que é uma outra pessoa; foi uma verdadeira mutação. Similar ao que aconteceu em literatura com o nosso Machado de Assis. Se você ler aqueles primeiros romances românticos dele – *A Mão e a Luva*, *Ressurreição*, etc. –, e depois ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, você dirá "Êpa, baixou o espírito, é um outro cara".

Em literatura isto é raro, mas em filosofia é o comum. Ou seja, você vai acumulando, vai pensando, você vive naquele mar de dúvidas durante 20 ou 30 anos, daí, de repente, as soluções começam a pingar, uma atrás da outra. Tudo material acumulado que foi se condensando como se fosse um forno alquímico em que as idéias e os conhecimentos ficam se mesclando uns com os outros, até que saia alguma coisa. É isso que eu quero que vocês façam, por isso eu pedi esse voto de abstinência em matéria de opiniões, inclusive em matérias que dizem respeito à sua conduta pessoal. Começou lá [no fórum] uma discussão em torno do fumo: o sujeito disse que o fumo mata. Eu sou o

---

[1] **Friedrich Shelling**, filósofo alemão (1775-1854). Ver http://educacao.uol.com.br/biografias/friedrich-schelling.jhtm

[2] **Eric Voegelin** (nascido Erich Hermann Wilhelm Vögelin; Colônia, 3 de janeiro de 1901 - Palo Alto, 19 de janeiro de 1985) foi um filósofo, historiador e cientista político alemão radicado nos Estados Unidos. Ver http://www.olavodecarvalho.org/avisos/intro_eric_voegelin.html; http://www.lsu.edu/artsci/groups/voegelin/

[3] **Mário Ferreira dos Santos**, filósofo brasileiro (1907-1968). Ver http://www.olavodecarvalho.org/semana/0906dicta.html

primeiro que sei que não mata coisa nenhuma, eu sei que todas essas pesquisas sobre fumo são uma empulhação. Acabei de ler um livro maravilhoso sobre isso, [escrito por] um médico chamado Vincent Ricardo di Pierre [12:33 – transcrevi o nome de ouvido; não encontrei nenhuma referência], onde ele examina todas essas estatísticas, e [mostra que são] uma empulhação monstruosa. Eu tenho essa opinião, mas eu mesmo nunca escrevi nada sobre a questão do fumo. Eu escrevo toda semana na imprensa, dois, três artigos, e nunca dei minha opinião sobre esse negócio, embora hoje [esse assunto] comece a adquirir uma importância pública – política – maior. Daí surge uma discussão por causa do fumo no fórum do *Seminário*. Mas que sentido faz você discutir fumo dentro do fórum do *Seminário*? Nenhum. É uma coisa absolutamente gratuita.

Eu estou pedindo encarecidamente: não prossigam com essas discussões. Mesmo que você ache estar com 100% de razão isso não tem utilidade. Você não está fazendo isto por uma utilidade, por um dever, você está fazendo por mera vaidade, por mera auto-expressão, que é exatamente o que eu estou dizendo que é para não fazer. Assim como o aprendiz de boxe ou de qualquer outra arte marcial tem de se refrear de brigas de rua – porque ele está se preparando para brigar não com qualquer um, mas com um adversário qualificado –, do mesmo modo o aprendiz de filosofia tem de se refrear de entrar em discussões vulgares, porque mais tarde você vai ter de enfrentar inimigos que são muito maliciosos, que são malignos; não são pessoas realmente preparadas, mas são maliciosos, e são muitos.

Embora essa coisa da polêmica não seja uma atividade propriamente filosófica, ela é *para-filosófica*, e mais tarde você vai precisar participar de muitas dessas coisas. E tem uma infinidade de, eu não diria truques, mas atitudes interiores que favorecem vitórias absolutamente espetaculares. Agora mesmo eu estava lembrando aquela história do Quartim de Moraes[4], quando eu publiquei um artigo dizendo que a fama intelectual dele se devia a um assassinato político. Ele ficou louco da vida, disse que era uma calúnia, que jamais participou de assassinato algum, e daí começou a haver uma mobilização nas universidades, e fizeram um manifesto assinado por cinco mil pessoas protestando em defesa do Quartim de Moraes, e eu deixei aquela coisa ir crescendo. Quando chegou nas cinco mil assinaturas, eu revelei a fonte da informação, que tinha sido o próprio Quartim. Ele de fato não tinha participado do assassinato do capitão Chandler[5], mas ele se gabou de ter participado; então ele mentiu, porque naquela hora ele estava falando na Unicamp, era bonito passar por assassino político. Quem mentiu não fui eu, foi ele que se auto-acusou. Pronto. A onda [que] vinha crescendo, crescendo, "Nós vamos acabar com o Olavo de Carvalho", de repente fura o balão. Daí para diante foi um silêncio mortal. Agora, se você fosse discutir tudo aquilo, tudo o que eles estavam dizendo, tinha de passar o resto da sua vida. Como é que você pode discutir com cinco mil idiotas? Mas existe um jeito: com uma frase você estoura tudo aquilo. [Este caso] eu considero que foi uma obra-prima, uma maravilha, fiquei muito satisfeito comigo mesmo por ter feito isto, por ter dito tão pouco e conseguido tanto. Isso às vezes são requintes de virtuosismo que você pode ter em uma discussão, mas você tem de aprender

[4] Quartin de Moraes. Ver http://www.olavodecarvalho.org/textos/blefe_colossal.html
[5] Capitão Chandler. Ver http://www.olavodecarvalho.org/semana/080324dc.html

primeiro, e a condição de você aprender é refrear o impulso de falar, de discutir, e você transformar a arte de discutir em um instrumento pedagógico e moral a serviço de finalidades superiores, e não do seu ego – se bem que o ego vai ter a satisfação do mesmo jeito. Quando você expõe um idiota presunçoso desses ao ridículo, eu não posso negar que eu fico satisfeito. Os caras às vezes pensam que eu sou um sujeito raivoso. Eu não sou raivoso, mas confesso que sou sádico. Eu não faço nada movido por raiva, mas um prazer sádico eu tenho; isso eu tenho de confessar. Pode até ser um negócio feio, mas eu gosto de ver um cara desses, presunçoso, de quatro. Confesso que é gostoso. Talvez algum dia eu perca essa mania; mas por enquanto ainda tenho. Vocês podem mais tarde até ter esses tipos de satisfações sádicas, e eu acho que em muitas situações esse tipo de atitude é moralmente justificável, é até obrigatório. Em uma situação onde essa pestilência intelectual se torna disseminada e toma um país inteiro, você é obrigado a agir de uma maneira mais drástica, não digo para acabar com isso, mas para criar um espaço onde as pessoas possam respirar.

Por exemplo, hoje nós temos esse espaço aqui neste Seminário. Hoje as pessoas que estão buscando a cultura superior têm onde buscar. Mas nós tivemos de abrir esse espaço com os cotovelos. Muitas vezes eu peguei um sujeito para vítima, como eu fiz com aquele infeliz que escreveu o artigo que eu [mencionei no] artigo *Idéias vegetais*, [de O Imbecil Coletivo]; aquele sujeito nunca mais se levantou, nunca mais escreveu nada, ele ficou quieto, foi para casa. [Ou como eu fiz com] o Ênio Candotti[6], o homem da SBPC[7], que até desistiu da carreira científica, foi plantar alface. Eu tive de fazer algumas vítimas pelo caminho para poder abrir um espaço onde pudesse dar uma chance para a cultura superior de novo, para poder abrir um espaço de verdadeira respeitabilidade da cultura superior, porque a afetação de respeitabilidade, de importância, é tremendamente destrutiva.
A cultura superior tem de ser uma coisa baseada inteiramente na autenticidade, na coisa genuína, na sinceridade, senão não funciona. Até literariamente falando, até no estilo literário. Veja que a falsidade literariamente soa mal. Quando eu era moleque, quando comecei a aprender, aos vinte e poucos anos, ainda havia leitores em número suficiente que sabiam reconhecer isso. Pegavam um texto e viam que aquilo estava soando falso, *pegando mal na orelha* **[00:20]**. Hoje em dia as pessoas não percebem mais isso. Às vezes não percebem sequer do ponto de vista sonoro, auditivo. O Bruno Tolentino se queixava muito disso, ele dizia “as pessoas não têm mais ouvido”, ou seja, escrevem uma coisa que está soando mal, é ridícula, mas não percebem. Restaurar esta percepção do que é genuíno e do que é autêntico, e do que é falso, de papelão, é fundamental para a alta cultura. Se não fosse por esse objetivo, eu jamais teria exposto nenhum desses caras à humilhação como eu fiz, [apenas] pelo simples prazer de mostrar que eu sou gostoso, mais forte do que eles [não faria sentido]. A diferença intelectual entre mim e o Emir Sader não é mensurável, porque é a diferença entre o nada e alguma coisa. Eu sou alguma coisa; ele está um pouco abaixo do nada. Não dá para medir isso. O pessoal diz que é covardia. Claro que é covardia, é bater em criança, mas eu fui obrigado a fazer isso por um motivo moral. Eles são infantis, pueris, despreparados, mas são os donos do pedaço e se acham uns

[6] **Aristóteles em Nova Perspectiva**.
[7] **Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**.

gênios, então nós temos de destruí-los, de cortar a cabeça, porque senão o pessoal em volta não vai perceber o ridículo da situação. Agora muita gente percebe. O Imbecil Coletivo tem uma função curativa, as pessoas perderam o medo desses palhaços. Não só pelo texto, mas pelos efeitos sociais que a coisa teve, porque muita gente tem medo desses camaradas profissionalmente, tem medo dentro da universidade, das redações. Eu disse “Eu vou lá, vou cuspir na cara deles, e não vai acontecer nada, eles não vão fazer nada, vão espernear um pouquinho e depois vão para casa chorar no travesseiro”. E foi exatamente o que fizeram. Na hora em que as pessoas viram que eu fiz isso, então [viram que] o rei está nu, elas não têm força alguma. Mesmo assim ainda tem muita gente intimidada. Eu recebi um telefonema outro dia de um rapaz que está no serviço diplomático, dizendo “Ah, mas o senhor começa a dar essas opiniões, eles vão me esmagar”. Esmagar como? O que eles vão fazer com você? Vão bater, vão prender? Não. “Mas eles podem me mandar para a Zâmbia”. Mas se mandarem você para a Zâmbia, você é um homem feliz, porque na Zâmbia o serviço diplomático não tem absolutamente nada para fazer, e você terá o dia inteiro para estudar. Agora, se mandarem você para Washington, para Moscou, você vai ter muito trabalho. Mandar você para a Venezuela, ih, o Hugo Chávez vai fazer você trabalhar o dia inteiro. Mas se mandarem você para a Zâmbia, para Uganda, para Serra Leoa, a maior felicidade que pode ter no serviço diplomático é não ter nada para fazer. Se não fosse isso, a obra do João Guimarães Rosa não existiria, a obra do João Cabral de Mello Neto não existiria; só existiu porque eles não tinha nada para fazer na embaixada. O José Guilherme Merquior também. Então você está com medo do quê? Você não vai subir na carreira. Mas para quê subir na carreira? Se você subir na carreira, você vai ter mais responsabilidades, vão exigir mais de você, e você vai ficar mais comprometido com a política. Se você é um segundo-secretário de embaixada, ninguém quer saber o que você pensa. Mas se você é conselheiro, ministro ou embaixador, então já está o governo em cima de você exigindo fidelidade. Então qual é a vantagem de subir nessa porcaria? Termine a sua vida como segundo-secretário de embaixada e como um grande escritor ao mesmo tempo. O José Guilherme Merquior foi boicotado na carreira diplomática a vida inteira. O que ele perdeu com isso? Nada. Ele teve tempo de escrever a obra do José Guilherme Merquior. Então, estão com medo do quê? Na universidade, o que eles vão fazer: vão bater em você, matar, capar? Eles não vão fazer nada, vão simplesmente falar mal de você. Quando eles falarem mal de você, você fala mais mal deles. Os meus alunos, que às vezes têm medo de professor, “Não posso falar tais coisas, senão ele acaba com a minha carreira”, estão fazendo exatamente o contrário. Se o professor perceber que você não gosta dele, ou pensa o contrário dele, ele vai acabar com a sua carreira de qualquer jeito; agora, se ele perceber que você sabe mais e que você é perigoso, ele vai cair de joelhos na sua frente. Então o que você faz? Você estuda bastante a matéria, e toda hora você humilha o sujeito. Quando ele disser “Tal coisa é assim, assim”, você diz “Não, professor, não é nada disso. É assim. O senhor não estudou, não fez a lição de casa”. Faça isso umas quatro vezes, e você verá que o homem vai começar a tremer nos alicerces. Eu tenho vários alunos que experimentaram esse método, e sempre deu certo. De vez em quando eu recebo depoimentos, a pessoa dizendo que funcionou e que agora só tira nota 10. Claro que tira 10, é um 10 preventivo; o sujeito está lhe dando 10 para comprar o seu silêncio. Agora, se você ficar bonzinho, aí é que eles sobem em cima. É o que falava o Donald Rumsfeld,

com toda razão: “a fraqueza atrai agressividade”. Santo Tomás de Aquino já dizia a mesma coisa, que a diferença entre o ódio e o medo é a seguinte: se você percebe que o adversário é mais fraco, você fica com ódio; se você percebe que ele é mais forte, você fica com medo. No fundo é a mesma emoção.

Estou dizendo tudo isso porque a arte da discussão – que advém da arte da análise, da compreensão profunda, etc. – vai ser uma das armas que você vai adquirir aqui para usar em coisas de grande importância. Ficar gastando isso no fórum é ejaculação precoce. Por favor, vamos parar com isso já. Esta advertência não é uma coisa extra-curso, ela faz parte do curso.

Partindo disso aí, nós podemos entrar no que seria verdadeiramente o assunto desta aula, que é o seguinte: o único motivo que esse pessoal que estuda na USP tem para achar que são profissionais da filosofia (quando não são profissionais de nada, são todos uns amadores, uns coitados) é o fato de que muito antigamente eles aprenderam uma técnica de análise de texto com um sujeito chamado Martial Gueroult, que escreveu um livro esplêndido que se chama *Descartes selon l’ordre des raisons*, *Descartes segundo a ordem das razões*, no qual ele, vendo todas as discussões e controvérsias em torno de Descartes, decide resolvê-las mediante uma volta ao texto das *Meditações de Filosofia Primeira*, do Descartes. Ele vai então analisando frase por frase, desmontando frase por frase, e reconstruindo a estrutura da argumentação inteira. É um trabalho muito bonito. Eu não sei se o Gueroult chegou a lecionar na USP, ou se foi através de algum discípulo; eu sei que essa coisa chegou lá e eles ficaram então com a mania da análise de texto. Pegavam um texto, decompunham em seus vários pedaços e iam montando de novo a estrutura da argumentação. Essa técnica sem dúvida é muito útil, só que o que os caras não sabem é que você fazer análise de texto baseado só nisso não funciona. Para você aplicar utilmente o método do Gueroult, ou qualquer outro método parecido, você precisa ter antes disso uma formação literária de décadas, ou seja, você precisa ser um leitor altamente qualificado antes de poder usar essa técnica. Senão o que acontece? Em primeiro lugar, você *coisifica* o texto, quer dizer, em vez de você tentar pegar o que é realmente o filosofema – que seria o equivalente filosófico do teorema – você vai se ater ao texto, e esse texto acabará sendo lido em modo plano, sem que você perceba as várias nuances e as várias camadas de significado que estão por trás do texto, e que o texto por si mesmo não pode revelar, por mais que você o analise.

Foi a longa prática de análise de texto na França que acabou gerando o tal do desconstrucionismo, onde os caras diziam que tudo é texto, que não há mais referência fora da realidade. Analisaram texto e mais texto, e nunca analisaram coisíssima nenhuma além de texto. Se eu pedir para eles analisarem uma tartaruga, eles não sabem. Põe um chiclete para análise, eles não sabem analisar. Então, de tanto lidar com texto ficaram com a mania de que tudo é texto. O senhor José Arthur Gianotti chegou a dizer que a filosofia é eminentemente uma atividade que lida com textos. Uai, e quando não havia textos filosóficos para lidar, como eles fizeram? Os tais dos pré-socráticos: que texto Parmênides analisou **[00:30]** para chegar à conclusão de que o Ser é ou o Ser não é? Quando Heráclito disse que nós não nos banhamos duas vezes no

mesmo rio, ele disse isso a partir da experiência que teve no rio, ele estava vendo a água correndo. Não foi analisando um texto, mas uma coisa, uma situação da vida real. Além do texto e além das situações da vida real, existe toda uma trama de elementos de memória e imaginação, que estão envolvidos na mais simples leitura, e a análise produtiva do texto não é feita somente no texto considerado como objeto materialmente existente, mas é feita nessa trama de evocações. Por que, se você não tem a sua trama pessoal de evocações, você também não vai pegar aquela que está subentendida no próprio texto, quer dizer, aquela que está na cabeça do autor. Nós temos que chegar a esta profundidade na análise, porque é impossível você escrever tudo o que pensa. Isso é a coisa mais óbvia do mundo; simplesmente, não dá tempo.

Eu vejo que, por exemplo, eu dando uma aula aqui, falando para vocês... Se eu falo durante uma hora, eu obtenho um texto de pelo menos trinta páginas. Quanto tempo eu levaria para escrever as trinta páginas? Você veja que, em alguns casos, por exemplo, Edmund Husserl, ele sabia taquigrafia, então ele escrevia tudo taquigrafado; praticamente ele pensava por escrito. Resultado: o acervo de texto que ele deixou é uma monstruosidade, que até hoje não acabaram de publicar, e não vão acabar nem tão cedo. Então, esse é um sujeito que escreveu quase tudo que ele queria, só que não dá pra você ler. Se você passar sua vida estudando Edmund Husserl, e disser: “Eu conheço o pensamento de Edmund Husserl”... Você conhece até onde foi publicado, mas tem aí mais de quarenta caixas esperando para serem traduzidas da taquigrafia para a escrita comum, e daí ser publicado; então, na verdade, você não sabe o que ele pensou, você sabe só um pedaço.

Em geral, as pessoas não sabem taquigrafia, e nem todo mundo escreve muito rápido. Eu não escrevo rápido. Falar, para mim, é muito mais fácil do que escrever. Se eu for escrever o conteúdo desta aula aqui, eu vou levar semanas. Então, muitas vezes, muitos livros de filosofia que vocês conhecem são exatamente aulas que foram anotadas. Por exemplo, Hegel. Tem [Há] livros e livros de Hegel que foram anotados taquigraficamente por alunos e depois transcritos, porque Hegel jamais teria tempo de escrever tudo aquilo que estava ensinando. A obra de Sto. Tomás de Aquino foi, em grande parte, simplesmente ditada ou anotada; chegou uma hora em que o superior do mosteiro contratou uns camaradas... “Olha, anota tudo que ele fala; por via das dúvidas, se ele for ao banheiro, escreve aí; pode sair alguma coisa de filosofia no meio”. Mesmo assim, o que ele ensinou era tão insignificante em relação àquilo que ele percebeu, que no final ele mesmo disse: “Perto do que eu estou sabendo agora, tudo o que escrevi é pura palha”.

Algo dessas visões superiores que ele teve no fim da vida está insinuado nos próprios textos, e você pode vislumbrar aquilo; você não chega a perceber, mas você vislumbra. Se você não tiver esse vislumbre, você não está entendendo o que Sto. Tomás de Aquino falou.

Entender ou compreender um texto é ir imensamente além dele. Você tem várias direções onde você pode ir. Uma das direções é essa que eu já ensinei a vocês, que são as próprias evocações que o texto lido, bem devagarzinho e sem análise crítica, traz no seu imaginário; quer dizer, o efeito imediato que ele tem no seu imaginário, tudo aquilo que ele evoca. Tudo isso, se vocês

querem saber, faz parte do texto.

Ainda tem todas as evocações que cada palavra despertava na cabeça de próprio autor; quer dizer, você está escrevendo uma frase aqui, e já estão aparecendo outras, e talvez não dê tempo de você escrever. Isso tudo está lá no texto. Mas, dessas evocações, muitas delas se ramificam com evocações de leituras e aprendizados que o sujeito teve em outras ocasiões. Às vezes, uma simples palavra evoca uma tradição filosófica inteira, uma discussão inteira, e o autor está consciente disso na hora em que ele escreve, só que ele espera encontrar um leitor capaz de evocar mais ou menos as mesmas coisas na hora, e é por isso que ele escreve.

Mais ainda; terminou aí? Não. Tem aí: a) a evocação pessoal; b) tem um círculo de intenções subjacentes do autor; c) tem as referências culturais dele para mais adiante, e no fim tem um "treco" que se chama mundo real, que é a experiência que você e ele tem, experiências que podem se encontrar num momento, tendo como lugar, ou ponto de convergência, justamente o texto que você está lendo. Tem tudo isso, e entender um texto é fazer tudo isso.

No começo, você vai fazer devagarzinho. À medida que você for acumulando experiência nisso e, através da leitura e do estudo, você for adquirindo outras possibilidades de evocações, você [verá] como essa leitura vai se enriquecer. Agora, a pura análise de texto não vai lhe dar isso aqui, a não ser que ela seja complementada por essas evocações. Tal como ensinado na USP, esse negócio de análise de texto virou um fetiche; e ele não revela, de fato, nenhuma habilidade filosófica, – análise de texto é uma coisa tão simples, que um macaco, se você [o] ensinar bem, aprende.

A verdadeira análise de texto, que é a reconquista de todo um mundo de evocações, de todas as camadas de sentido e toda experiência subentendida, (isso aqui) não dá para aprender na USP, (isso aqui) você vai ter que aprender por você mesmo, ao longo da sua vida, [com] a prática longa de convivência com os grandes leitores – pois além dos grandes filósofos, existem os grandes leitores de filosofia. Por exemplo, existe um grande filósofo [cuja] obra filosófica não é grande coisa, ela é pequenininha e trata de dois ou três assuntos, que é o Eric Weil. Eric Weil é um filósofo judeu alemão que, quando [surgiu] o nazismo na Alemanha, fugiu para a França e, de vingança, nunca mais escreveu uma palavra em alemão, e se tornou um clássico da língua francesa. Eu raramente encontrei um sujeito que compreendesse os filósofos tão profundamente quanto Eric Weil. Às vezes, você tem discussões de séculos em torno de um ponto ou de outro na obra de Platão, ou de Aristóteles, e o Eric Weil chega lá e diz: "É assim!", e mata o problema. E ele consegue compreender os filósofos mais diferentes.

Os textos do Eric Weil são primores de interpretação e de análise. E você vai ver que em momento nenhum ele usa o método formal de análise de texto. A premissa de que ele parte é a premissa mais simples do mundo: se o sujeito que você está lendo é um filósofo, então esse filósofo está em busca de uma visão, ou de uma experiência, por assim dizer, unitária do Ser; ou seja, ele está buscando a unidade do Ser no fim das contas. Ele sabe que não vai encontrar, mas ele está indo nessa direção.

Quando eu mesmo definir a filosofia como a “unidade do conhecimento na unidade da consciência, e vice versa”, isso quer dizer o seguinte: sua busca da unidade não é a busca da construção de um sistema de frases, de um conjunto de frases, que expresse a própria estrutura do real. Não, você nunca vai chegar a isso aí. Na verdade, o que você está fazendo é [deixar-se] inspirar pelo vislumbre que você tem da unidade do real para, com base nessa unidade do real, construir a unidade da sua própria consciência, da sua própria pessoa, da sua própria personalidade; e de tal modo que essa unidade da personalidade sirva por sua vez de instrumento interpretativo, pelo qual as experiências subsequentes se tornem mais luminosas e mais claras para você **[00:40]**, ou seja, é um processo de auto-esclarecimento, e esse auto-esclarecimento pressupõe que você tenha uma referência clara a si mesmo, quer dizer, você saiba o que experimentou, o que sentiu, e não viva apenas a existência de uma consciência fragmentária, onde as experiências se sucedem sem se relacionar umas com as outras, e se deixando formar por influências que você mesmo não sabe de onde vieram.
Então, a premissa do Eric Weil para a leitura é exatamente esta: o que quer que você esteja lendo num filósofo é um esforço em direção à unidade da consciência na unidade do conhecimento. Ele não diz isso, mas esse é o método implícito.

Quando você decompõe as várias partes de um texto – que é uma coisa que até o pessoa da USP faz – , você está tentando recompor essa unidade em termos mais simples, mais inteligíveis e, de tal modo que aquilo possa, em seguida, ser integrado em conjuntos maiores, e adquiram um nível de inteligibilidade maior. Só que esse nível de inteligibilidade maior escapa da pura análise de texto, ele vai entrar na recomposição de todas essas evocações, que não podem ser vistas apenas como uma sucessão de textos, sucessão histórica de textos. Eu vou dar para vocês a prova mais óbvia de que nenhuma discussão filosófica pode ser resolvida na base do texto. Quando surge, vocês vão ver mais tarde, quando a gente passar para vocês o texto de *O Ponto de Partida da Metafísica*, de Joseph Maréchal, que é uma obra prima no ensino da filosofia, simplesmente magistral. Ele começa com a narrativa do cepticismo grego.

O cepticismo grego consistia numa negação de qualquer possibilidade de afirmação filosófica, quer dizer, qualquer coisa que você dissesse positivamente, segundo os cépticos, era sujeito à critica, à dúvida e à negação; de tal modo que, por essa via, se chegava à impossibilidade de afirmar o que quer que fosse sobre o que quer que fosse. Então, Aristóteles confessa que você não pode contestar o céptico na base do discurso, porque ele opõe ao seu discurso uma infinidade de dúvidas hipotéticas, que constituem por sua vez um outro discurso. Se você simplesmente confrontar um discurso positivo... Por exemplo, você diz assim: existe um mundo e nós estamos nesse mundo. O céptico pode criar dúvidas em número ilimitado. É o velho ditado russo: um só idiota é capaz de fazer mais perguntas do que mil sábios conseguiriam resolver, ou responder. A dúvida céptica aparece quase que automaticamente. É só você perder um pouco o foco do que você está falando, que começa a aparecer um milhão de dúvidas. Aristóteles viu que no nível do discurso era impossível você confrontar o céptico. Então, ele pergunta assim: “Mas se não

existe mesmo o mundo, se não tem realidade, por que o céptico, quando quer fazer uma viagem, ele faz realmente a viagem, ele se desloca no espaço em vez de ficar simplesmente pensando que foi? Pois se tudo é uma questão meramente de pensamento, ele não precisa fazer nada. Por exemplo: por que ele come em vez de simplesmente pensar que comeu?".

O que Aristóteles está assinalando [portanto] é que a dúvida céptica não se opõe simplesmente ao discurso positivo que ela finge contestar, ela se opõe a si própria. Aristóteles mostra que o discurso céptico pode ser construído com palavras, pode ser expresso em palavras, pode dizer aquilo, mas você não pode *realmente pensar*. Então, o que ele está dizendo é que o céptico está apenas fingindo, e como você está discursando num plano da realidade tal como ele efetivamente a experimentou, não pode haver medida comum entre esse discurso e o discurso fingido do céptico. Isso seria tão impossível quanto, por exemplo, você estar assistindo à peça Otelo, e você está vendo que o sujeito lá está soprando uma fofoca no ouvido do Otelo para ele ficar com raiva da mulher, e você tem vontade de entrar na peça e dizer para o Otelo: "Não, Otelo, esse cara está te enganando, tua mulher não fez nada, ela é inocente..." Você tem vontade, mas não dá para você fazer, porque aquilo não está acontecendo na realidade. Você não pode entrar na peça. Ela está transcorrendo num outro plano, que é puramente imaginário, e você não pode transformar-se num ser totalmente imaginário e entrar no enredo. Por isso mesmo você também não pode entrar no discurso do céptico e discutir com ele, porque você está falando perfeitamente a sério desde a experiência da realidade, e ele não, ele está fingindo. No fundo, no fundo, ele acredita exatamente no que você acredita.

Então, o confronto de discursos ali não faria o menor sentido; você tem que ter o confronto de uma atitude real com uma atitude fingida. E qual é a maneira certa de lidar com isso? É mandar o céptico lamber sabão, porque ele está apenas tomando o seu tempo, ele está com brincadeira, está com treta. Isso aqui foi a refutação clássica que Aristóteles fez aos céptico. Então, ele disse: "Não é que eu não acredito no que você está dizendo; você também não acredita; então porque eu vou perder meu tempo com essa bobagem?".

Hoje nós vemos que quase tudo quanto é loucura filosófica que circula por aí é do mesmo teor. Foi a constatação disso que me levou à descoberta da paralaxe cognitiva, que é o mesmo problema do céptico, mas tornado epidêmico e disfarçado sob camadas e camadas e camadas de conhecimentos acumulados que disfarçam o fingimento e fazem com que lhe pareça muito mais verossímil do que o fingimento do céptico. Claro que a paralaxe cognitiva não é a mesma coisa que o cepticismo, pois o truque do céptico era meramente verbal e consciente, ao passo que na paralaxe cognitiva o sujeito pode fingir tão bem que não sabe mais que está fingindo, ele acredita que está dizendo a coisa como ele a vê.

A mais célebre contestação filosófica da antiguidade não é feita no nível do texto, mas no nível da atitude existencial real. Na hora que você toma seu interlocutor não apenas como o emissor de um texto, mas como uma pessoa real, que está conversando com você, aí que você entende qual é o truque dele, aí você pode contestá-lo. Aristóteles foi, realmente, o sujeito que

inventou a Lógica como ciência – a Lógica, a Dialética. Embora tudo isso já estivesse circulando, foi ele quem deu a formulação científica da coisa. Ele entende que para você entrar no plano das confrontações lógicas, existe uma série de pré-condições.

Vocês vejam que, por exemplo, o livro dele – Tópicos, – que nem é um livro de Lógica, é um livro de Dialética, – é precedido pelo livro Das Categorias e pelo livro Da Interpretação. Quer dizer: você só pode entrar na confrontação dialética se você está seguro de que está se movendo no mesmo terreno semântico do seu interlocutor. No caso do céptico, você não está: você está falando de uma coisa e ele está falando de outra completamente diferente, embora as frases pareçam estar no mesmo nível. Quando Aristóteles diz que existem quatro tipos de causas, ele diz isso porque observou **[00:50]**. Ele diz, por exemplo, que se um casal de animais cruza, isso desencadeia um processo de gestação, que vai resultar no nascimento de um outro bichinho.

Aristóteles era, eminentemente, um biólogo. Ele observou e descreveu mais de duzentas espécies de animais com seus costumes, sua embriologia etc. Então, ele viu isso aí. E ele entende que, quando você fala de causa, neste sentido, você não está falando de causa no mesmo sentido em que aparece essa palavra quando uma pessoa anuncia uma intenção que ela tem. Quer dizer, se você observa um pedreiro montando uma casa, você não pode dizer que houve um ato anterior, uma força anterior que desencadeou aquilo, de modo que ele irá até o fim da construção da casa, automaticamente, como no caso de uma gestação. No caso de uma gestação, dado um impulso inicial, o resto decorre, mais ou menos naturalmente, a não ser que seja interrompido, por exemplo, pela morte da mãe, porque a gestação não deu certo, houve um aborto ou coisa assim. Mas, no caso do pedreiro, você vê que nada força um pedreiro a continuar fazendo a casa. Ele acorda toda a manhã, vai lá, coloca mais uns tijolos etc., de acordo com um plano. O plano é uma coisa que não existe ainda, quer dizer, ele tem na cabeça dele uma casa inexistente, e ele está tentando fazer com que os materiais existentes pouco a pouco adquiram aquela forma.

Aristóteles diz isso porque observou essas coisas. Ele disse: “Olha, existe o processo causal nessas duas situações”, mas ele chama a primeira causa de causa eficiente, quer dizer, a causa que desencadeou o processo; e a segunda ele chama de causa final, quer dizer, é uma série de ações que visam uma finalidade. E essas duas causas não funcionam do mesmo modo. Portanto, quando os filósofos anteriores a ele discutem causas, muitas vezes eles chegam a confusões desgraçadas, porque um está falando de causa eficiente e o outro está falando de causa final. Então, ele reconhece ainda mais dois tipos de causas: uma que ele chama causa material, que é o “de que” as coisas são feitas – você vê, por exemplo, que quando o pedreiro empilha tijolos, eles ficam em pé, a parede fica em pé, porque a matéria usada tem certas propriedades que permitem que fique em pé; se ele fizesse a casa de geleia, ela derreteria; se ele fizesse a casa de água... Bom o esquimó faz casa de água, mas quando está frio o gelo adquire propriedades parecidas com as do tijolo. Então, porque a casa fica em pé? Não é nem por uma causa eficiente, como no caso da gestação, nem por uma causa final, pois você não pode dizer: “Ah, a casa fica em pé, porque o pedreiro quer que ela fique em pé”. Não, ele

tem que ter o material certo, que atue como uma causa intermediária entre o seu propósito e a construção final. Portanto, as propriedades da matéria usada – barro, pedra, madeira etc.– são um dos agentes determinantes do processo. E elas não se identificam com a ideia que o pedreiro tem, elas são outros elementos.

Entra a causa material também na gestação, por que se a mãe não for devidamente alimentada, não tem “do que” ela fazer o feto, pois o feto sai do sangue da mãe, [e] se não houver quantidade suficiente de sangue, se o sangue estiver ruim, o feto morre. O ato inicial da procriação, a cruza dos animais, não é suficiente por si para garantir que o processo vá até o final, pois entra esse novo elemento, a causa material, ou seja, o “de que” aquele bichinho, que está sendo gestado, será feito.

E, por fim, ele entende que existe o que ele chama de causa formal – causa formal é “o que” uma coisa é. Por que vem um gato e cruza com uma gata e nasce um gatinho? Por quê? Porque eles não são tartarugas, nem cachorros, se não nasceria cachorro. Então a natureza, a estrutura própria da coisa, do Ser, é um determinante das suas possibilidades de ação e, portanto, atua como uma causa.

Quando o Dr. Jânio Quadros disse: “Eu bebo porque é líquido”, as pessoas estavam perguntando: “Por que você bebe?” Causa final. O que você espera com isto? Ou então, causa eficiente: “O que foi que fez com que você começasse a beber?”. Ele, espertamente, mudou para a clave da causa formal, e respondeu com a definição da coisa: “Eu bebo porque é líquido, porque se fosse sólido eu comeria”. Essa brincadeira mostra a facilidade com que o cérebro humano transita de uma causa para outra causa, às vezes com propósito filosófico, às vezes com propósito de brincadeira, como nesse caso. Muitas piadas são, simplesmente, a passagem de uma causa para outra.

Aristóteles descobriu tudo isso por observação e experiência. Foi como biólogo observando a gestação do bicho – Aristóteles fez uma descrição da embriologia do gato que, até hoje, é considerada a mais perfeita que [há]. Ele viu que existiam vários elementos causais diferentes, e que uma coisa não poderia ser reduzida à outra, ou seja, a fecundação do óvulo da gata não era suficiente para produzir um gatinho se não existisse a causa material, ou seja, do que o “raio” do gatinho será feito, e assim por diante.

Quando ele explica essas coisas e vem o céptico e as coloca em dúvida... O que o céptico está fazendo? Ele está cobrando uma coerência lógica absoluta de algo que em si mesmo não é lógico, de algo que foi composto pelo material dos fatos, e não de puras construções lógicas e, evidentemente, ele pode encontrar mil defeitos lógicos em qualquer coisa, [como] por exemplo: “O que você entende por gato?”. Então, Aristóteles explicava o que é gato... “O que você entende por fecundação?”... Ou seja, poderia cobrar de Aristóteles a definição perfeita de cada um dos termos, o que anularia imediatamente a possibilidade do conhecimento por experiência, porque nenhum fato bruto pode entrar num discurso se você já não tem toda a sua definição e conhecimento lógico a respeito, e é claro que isso torna impossível o conhecimento. Pode-se, também, introduzir uma cunha entre percepção e

discurso, ou descobrir defeitos no discurso, ou pode separar discurso de experiência, pode-se fazer mil coisas. Mas onde está agindo o céptico no discurso? Aristóteles não está falando de discurso, está falando de gato. Então, o que Aristóteles diz do gato não pode se confrontar vitoriosamente com as objeções do céptico, porque as objeções do céptico só existem no plano do discurso, no qual não há gatos. É como se aquilo que você observou no plano tridimensional, o sujeito exigisse que você validasse no plano bidimensional. Não vai dar. **[01:00]** Por exemplo: em geometria descritiva [há] uma série de modificações no espaço que você rebate para o plano, não é? Você representa no plano. Então você pega uma figura geométrica – por exemplo, esta casa – e rebate num plano. Bom, você pode fazer isso, mas você não pode morar no papel. O que o céptico faz é o seguinte: você está descrevendo uma casa, está montando uma casa, e ele desenha aquilo num papel e diz: "Não dá para morar aí, você não cabe aí...". Isso é absolutamente imbatível! Só que ele não está falando da casa de verdade que você está construindo, ele está falando da casa que ele desenhou no papel.

Isto é para mostrar para vocês que a tentativa de [se] reduzir o estudo filosófico a uma questão de texto é uma coisa absolutamente inviável desde o início. Se você fosse ficar apenas no plano do texto ou do discurso, as objeções do céptico seriam imbatíveis, porque ele está construindo frases e exige que você construa frases que derrubem o que ele está dizendo e que provem a possibilidade do conhecer. Mas acontece que o conhecer não se dá no nível das frases, se dá no nível da experiência real! No nível das frases não há conhecimento algum, então eu não posso, no nível do mero discurso, validar o conhecimento por experiência porque a experiência não é discurso, ela é precisamente aquilo que não é discurso. E isso Aristóteles já tinha percebido dois mil e quatrocentos anos atrás! Transcorridos dois mil e quatrocentos anos, as pessoas esqueceram isso e começaram a tratar os textos filosóficos como se fossem meros textos, que somente se referem a outros textos e outros textos e outros... Cria-se uma espécie de neo-cepticismo, ou uma neo-sofística, que é uma coisa terrivelmente opressiva porque desenvolve milhões de objeções e quer que você responda. E o que nós temos que dizer é o seguinte: "Olha, vocês não acreditam em nada disso, vocês estão apenas brincando. O que vocês estão me exigindo é que eu entre na peça *Otelo* e impeça o Otelo de matar a mulher; eu não posso fazer isso, porque ele só existe no texto e eu não posso me transformar numa palavra, num texto; eu não tenho esta capacidade".

Esta redução da experiência ao nível do discurso cria o quê? A onipotência do discurso inventado! É claro que isto é um truque. E é claro que um dos elementos básicos do aprendizado filosófico desde Sócrates, Platão e Aristóteles é perceber esta impossibilidade, esta incomensurabilidade entre o discurso e a experiência, o discurso da realidade e o discurso que é puro discurso, que é formação de frases. Veja que, no nível da linguagem, tudo se pode dizer. Você pode dizer qualquer coisa, mas se diz aquilo apenas como estrutura lingüística. Não há pensamento, muito menos há percepção por trás. Por exemplo, você não pode aprender a montar frases numa língua que você desconhece? Você dá uma lista de palavras e diz quais são os substantivos, os verbos, as preposições e as conjunções, e o sujeito monta uma frase perfeita sem saber nada do que está sendo dito ali. Você pode estudar a gramática de

uma língua cujas palavras você desconhece; aliás, como você pode programar um computador para traduzir um texto de uma língua para outra? O computador não sabe uma língua nem outra. Ele vai pelas simples regras gramaticais e por significações padronizadas em que uma palavra corresponde à outra palavra, e a nenhuma coisa. Então, se você escreve a palavra "winter", corresponde à palavra portuguesa "inverno". Mas não fica frio, na verdade. O computador não fica com frio, aí. Não é um inverno de verdade, é um inverno verbal. Do mesmo modo que o puro discurso não tem a capacidade de sair de si mesmo para apreender o mundo real, o mundo real não tem a capacidade de entrar no mundo do discurso para modificá-lo. Tem aquele filme do Woody Allen [a Rosa Púrpura do Cairo], em que alguém está assistindo ao filme e entra nele para modificá-lo. Evidentemente, é uma brincadeira: você só pode fazer isso num filme; num filme você pode entrar dentro do outro, mas na realidade você não pode entrar nem no primeiro. O que o céptico exige de você é que você entre no filme dele e modifique o enredo, coisa que só dá pra fazer no plano do próprio filme, não na realidade.

Outro dia assisti a um filme – um dos filmes mais execráveis que assisti na minha vida –, chama-se "Jogos..."[8] não-sei-o-quê: dois assassinos entram numa casa e começam a maltratar uma família; maltratam, maltratam e, lá pelas tantas, quando o negócio está ficando brabíssimo, a mulher, dona da casa, consegue pegar uma espingarda e – pum! – dá um tiro num dos bandidos. O outro bandido, o que faz? Pega o controle remoto e faz a história voltar! Falei: Acabou, não assisto mais... Ele estava narrando a história como se fosse realidade, estava num realismo atroz e, de repente, ele mudou o código! Ah, não, isso aí é sacanagem! Ele estava como se fosse Aristóteles, estava brincando de Aristóteles, e de repente passa a brincar de céptico: ele está lá examinando um gato e de repente entra um sujeito que só fala da palavra "gato". Ora, a palavra "gato" não procria, ou, como dizia Aristóteles, "a palavra 'cão' não morde".

O número de transições, de passagens do plano da real experiência para o plano do puro discurso que há na "filosofia" de hoje é uma coisa monstruosa. Isso aí é um bando de vigaristas, um bando de charlatães mesmo. Não tem como aceitar discussão com eles, sobretudo nos termos deles; você tem é que exigir que o sujeito prove que ele acredita naquilo. Se você acreditar no que está dizendo, daí talvez eu possa discutir com você.

Aprender a evitar estes truques é um dos elementos básicos do aprendizado filosófico. Na quase totalidade das discussões que tenho ouvido sobre toda e qualquer coisa, tanto na mídia quanto estas coisas que a gente vê na Internet, a confusão entre linguagem e realidade é monstruosa e onipresente. Veja aí a imensa quantidade de esforço humano e a quantidade de neurônios que foram usados em discussões que nunca podem dar em nada; não vão sequer adestrar a pessoa na discussão porque estão apenas viciando em tomar as palavras como se fossem realidades.

Quando eu entro numa discussão dessas, a finalidade é didática, para ensinar a estas pessoas que isto não se faz. Graças a isto, muitas pessoas que

[8] Olavo se refere ao filme *Funny Games*, 2007 (com Michael Pitt, Naomi Watts e Tim Roth), remake do diretor Michael Raneke que, curiosamente, dirigiu o filme original, em 1997.

começaram discutindo comigo – chegavam bravas pra caramba e, no fim, viraram meus alunos – estão aí, bonzinhos, aprendendo, estão indo pra frente. Isso aconteceu com muita gente, mas têm outros que não dá, porque a vaidade, o orgulho dos caras é muito maior que o seu desejo de aprender. Aí, não há nada que eu possa fazer por eles, a não ser gozar um pouco da cara deles e mandar pra casa. Outro dia, um sujeito escreveu pra mim: "As coisas que você escreve têm dois pesos e duas medidas: se o sujeito é religioso, você acha que é bom, se não é religioso, você acha que é mau!", e eu disse: "Mas, peraí, isso é uma só medida. Do que você está falando, afinal? Então faz o seguinte: vai pra casa e daqui a vinte anos você tenta de novo..." Como é que o sujeito pode confundir a dualidade de critérios com a unidade de critérios? É uma confusão até difícil de se fazer, mas ele conseguiu... "Você tem dois pesos e duas medidas, isto é, você tem um critério único". Eu não posso discutir com o cara; eu poderia [dizer:] "Olha, meu filho, não é assim, etc.", mas vale a pena? Se o sujeito chegou a fazer esta confusão é porque já tem um parafuso a menos. Eu posso até lhe ensinar, mas não posso lhe dar sanidade mental, entende? **[01:10]** Se você quiser uma ajuda para você melhorar a sua psique, e tal, aí a conversa é diferente, eu não vou discutir estas coisas com você, eu vou *discutir você*. O sujeito chega pra mim e diz: "Confesso, eu não bato os pinos, sou neurótico, sou psicótico, sou drogado, isso e aquilo e preciso de uma ajuda." Bom, aí vamos ver o que dá pra fazer; eu não sou psicólogo profissional, mas dar uma ajudinha a gente pode. Às vezes, a educação tem um efeito psicoterapêutico – indireto, mas tem. Mas discutir o mérito da coisa com o sujeito eu não posso.

Isso quer dizer que [todas as pessoas] que eu vi – que estudaram na USP –, sairam com esta mania de análise de texto e chamam isso de "o rigor"... É o *rigor mortis*, a melhor maneira de você não entender nada de um texto é fazer análise de texto como eles fazem. Nós temos que fazer análise de texto, sim, mas não somente com base na materialidade do texto. Esta materialidade – o texto tal como impresso na página – é apenas uma pauta que você vai usar como medida mínima para que as evocações que você faça e que você supõe na mente do autor não vão parar muito longe. Mas a análise, para que seja frutífera, deve se multiplicar em várias camadas de significado. Vou dar um exemplo para vocês: lerei aqui um texto – está em inglês, mas vou traduzi-lo da melhor maneira que eu possa –, e depois vamos ver como nós faríamos a análise.

Eu peguei, de propósito, um texto que não é filosófico; é um texto do psicólogo Kurt Lewin, do livro *Resolving Social Conflicts – Resolvendo Conflitos Sociais* –, que é uma coletânea de estudos que começa por um dos estudos mais famosos e mais hábeis deste psicólogo, que se chama *Algumas diferenças sócio-psicológicas entre os Estados Unidos e a Alemanha*, um texto escrito em 1936. Vou ler só o primeiro parágrafo:

> "A educação é, em si mesma, um processo social que envolve, às vezes, grupos pequenos como mãe e filho, às vezes grupos maiores, como uma classe escolar ou a comunidade de um acampamento de verão. A educação tende a desenvolver certos tipos de comportamento, certos tipos de atitudes, na criança ou nas pessoas com as quais ela lida. O tipo de comportamento e a atitude que ela tenta desenvolver e os meios que

ela usa para isso não são determinados meramente pela filosofia abstrata ou por métodos cientificamente desenvolvidos, mas são essencialmente um resultado das propriedades sociológicas do grupo no qual esta educação ocorre. Ao examinar o efeito do grupo social no sistema educacional, pensa-se geralmente nos ideais, nos princípios e atitudes que são comuns dentro deste grupo. De fato, os ideais e princípios desempenham uma parte importante na educação, mas teremos que distinguir os ideais e princípios que são oficialmente reconhecidos daquelas regras que na realidade dominam os acontecimentos nesse grupo social. A educação depende do estado real e do caráter do grupo social no qual ela ocorre."

Não é um parágrafo especialmente complicado. O Kurt Lewin é especializado em explicar tudo o mais meticulosamente possível, mas você verá que, como em todo parágrafo escrito, aqui tem uma estrutura gramatical; e nós temos que identificar por trás desta estrutura gramatical em primeiro lugar a estrutura lógica, a ordem e a conexão entre as várias proposições. Nós vamos pegar sentenças — sentenças são fatos gramaticais — e vamos transformá-las em proposições, que são fatos da ordem lógica. Vocês verão que uma única sentença pode conter várias proposições e que elas estão articuladas entre si de uma certa maneira. Bom, ele disse em primeiro lugar:

"A educação é, em si mesma, um processo social...". Esta é uma afirmação. "... Que envolve, às vezes, grupos pequenos...". Daí ele dá três exemplos de grupos pequenos: "... Mãe e filho, às vezes grupos maiores, como uma classe escolar ou a comunidade de um acampamento de verão".

Vejamos aqui neste quadro branco como estas proposições se articulam: primeiro você tem uma frase. Começa em "educação" e vai terminar com "social":

Educação_____Social

Daí, [você] tem uma segunda sentença onde ele vai especificar o que disse na primeira: começa em "a educação"— representada aí pelo "que" — "a educação envolve, às vezes ...":

Educação_____Envolve

"grupos pequenos..."

Grupos Pequenos_____
Mãe_____
Grupos Maiores_____
Classe_____
Comunidade_____

e esta é a estrutura da coisa. Vocês verão que tem uma sentença geral que o autor vai especificando. A estrutura da frase é relativamente simples. Você pode usar uma folha de papel para fazer isso ou fazer de cabeça. Podem começar treinando com papel mas, com o tempo, à medida que vocês forem

lidando com estruturas mais complicadas, a capacidade de desenhar não acompanha e vocês só vão fazer de cabeça, vai ficar até mais fácil. Mas no começo podem fazer assim.

Vamos cruzar isso com a outra técnica de que falei na outra vez: nós vamos ler com imaginação.

O sujeito falou “Educação”? **[01:20]** Lembre-se da escola que você freqüentou, o ambiente escolar, toda a experiência que você teve da educação. Falou “Um processo social”? Lembre-se da mesma educação já do ponto de vista da convivência em geral, porque para que existisse uma classe [escolar] que você freqüentasse, foi preciso que a convivência que você tem com o professor e os alunos não se limitasse àquilo, mas existisse também uma convivência fora. Por exemplo, a escola tinha um regulamento, você deve ter sido alguma vez suspenso, punido, etc. Isto não tem nada a ver com o conteúdo que é ensinado em classe; isso não tem nada a ver propriamente com educação, mas com organização de um modo geral. Se você estivesse no Exército, ou em um restaurante, também [haveria] uma série de normas que você teria de cumprir. Lembre algo destas regras tal como foram impostas a você, e você vai entender que existem processos sociais em geral e que a educação não apenas é um destes processos, que ela está dentro de outro processo. Não é que existam vários processos e que a educação é um deles; isto foi uma das coisas que ele quis dizer. Mas ele também está dizendo que ela acontece *dentro de um outro processo*. A primeira sentença já diz isso: “A educação é, em si mesma, um processo social”, não “o” processo social. Não apenas a educação é um processo social, mas ela está dentro de um processo social. Este “está dentro” não está dito aí, mas você entende, é uma evocação que aparece para você, um sentido que está subentendido, mas que aparece justamente na evocação, onde você lembra da educação como uma atividade que teve na classe e como uma atividade que se dava dentro de uma instituição onde havia outras espécies de convivência e interação social.

Por exemplo: você brincava com os seus colegas no recreio, ia aos bailinhos com as meninas... O que tem isso a ver com educação? Tem algo a ver, mas não é educação no sentido inicial da palavra. Mas isso esgota a sua experiência de educação? Procure ver que outras evocações a palavra “educação” traz. É só essa experiência de educação que você tem? Quando você está lendo um livro de filosofia, você não está adquirindo educação? E você diria que isto é um processo social? Eu estou lá, por exemplo, lendo Aristóteles. Li Aristóteles anos a fio, não tinha nenhum professor lá, não tinha regra, não tinha convívio com ninguém e eu não tinha nem com quem conversar a respeito de Aristóteles. E se isso não é educação eu sou uma lata de sardinha! Claro que isto é educação. Isto é um processo social também? Pode ser, mas não no sentido que ele está querendo dizer aqui.

Esta análise que eu fiz me deu a estrutura lógica da frase, mas é só a estrutura lógica. Transformei uma estrutura gramatical, que é [formada pelas] próprias sentenças que ele usou numa ordem lógica, na qual as frases seguintes são especificações da frase inicial. Tem casos que são muito mais complicados, em que o autor começa pela especificação e vai chegar na frase geral só no fim. Outras frases têm uma estrutura opositiva, outras têm uma

estrutura de proporcionalidade, ou comparação, tem muita [coisa] que nós vamos ver mais tarde.

Bem, só identifiquei a estrutura lógica, e a análise uspiana teria que parar aqui, porque eu só posso dizer o que está no texto. Quando começo a me lembrar da minha experiência educacional, das minhas vivências educacionais, eu vejo que a educação comporta outros tipos de experiência que não estão abrangidos aqui. Ele está falando da educação como um processo, um grupo age sobre outro grupo e ele está usando o termo "educação" de modo geral para significar este tipo de educação em particular. Então você pega um negócio de uma outra cor e põe para baixo da linha

Educação_____Social
[XXXXXXX]

[representando] a nuance específica que o autor está dando. Em cima, ponha as suas evocações: a classe escolar, nomeie como quiser; você verá que a simples anotação que você faz seria incompreensível se não tivesse uma referência a uma infinidade de experiências que você não conseguiria sequer escrever. Então você vai compactar com um nome, ou um símbolo, qualquer coisa. Por exemplo, suponhamos escola. Eu estudei no Colégio Estadual de São Paulo:

C.E.S.P.
Educação_____Social

Lembrei-me disto, daí lembro-me da diretora do colégio me dando bronca por alguma coisa e vejo que a bronca que ela me deu era uma condição do processo educacional, mas não era o próprio processo educacional. E vejo que ela poderia me dar aquela mesma bronca se ali fosse um restaurante. Me lembro da figura, chamava-se Dona Elda, mas o pessoal costumava chamar [referir-se a ela] de "Dona Osta"... — moleque não presta! — então vai aqui "Dona Elda":

Dona Elda
C.E.S.P.
Educação_____Social

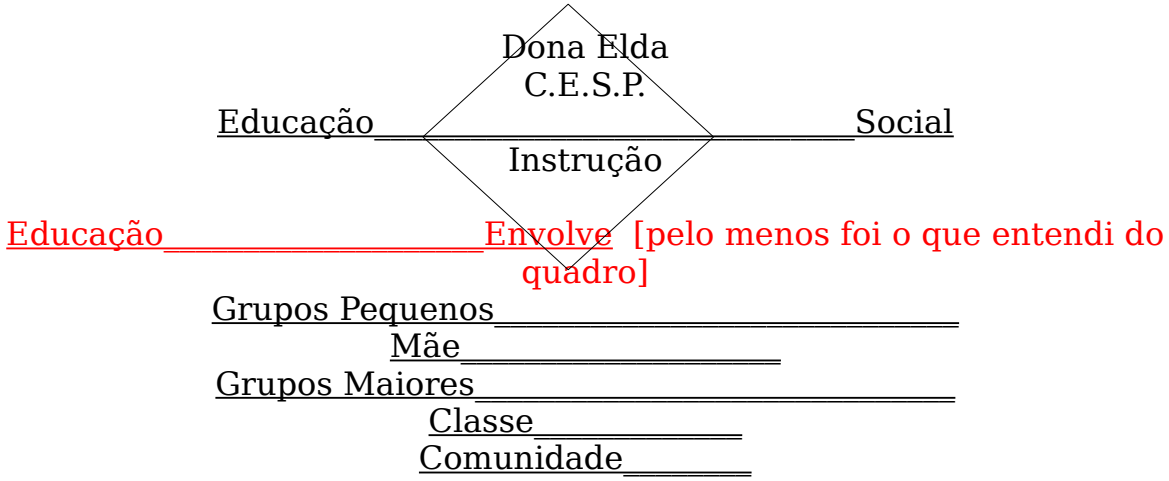
São as minhas evocações, eu ponho acima. E abaixo, numa outra cor, ponho o quê? Na comparação disto [Dona Elda] com isto [C.E.S.P.] resultou a nuance que o autor está dando, e que é uma nuance restritiva: ele está lidando não com a educação em geral, mas apenas com uma espécie de educação que ele está chamando de "educação geral", e isto chama-se "instrução":

Dona Elda
C.E.S.P.
Educação_____Social
Instrução

Etimologicamente, "educação" é "ex-ducere", "conduzir para fora": quer dizer, você vai daquilo que tem na sua alma, na sua consciência, para abrir-se a uma coisa que não estava lá; e "instrução" é "instruere", "construir, edificar por

dentro”, para dentro, portanto. Claro que muitas experiências educacionais explicam os dois aspectos ao mesmo tempo, mas eles não são o mesmo. Corresponde àquelas duas coisas que o Jean Piaget — que sob outros aspectos é uma besta quadrada — chamava de “assimilação” e “acomodação”: você assimila uma informação, mas ao mesmo tempo você se acomoda a ela, se ajeita a ela. Se, por exemplo, me ensinam uma regra, eu tenho que apreender, que assimilar o sentido da regra; mas para eu seguir a regra, não é a regra que está se assimilando a mim, sou eu que estou me acomodando a ela. Ou para você aprender um movimento de dança, uma palavra numa língua estrangeira, qualquer coisa, você assimila aquilo, e aí você acomoda o seu discurso àquela palavra para que ela funcione no contexto em que você a usa.

Para fazer este diagrama perfeitamente, cada linha teria que estar muito mais separada da outra, para formar uma figura mais ou menos em forma de losango em torno de cada palavra importante:



Onde as várias camadas de evocação apareçam. Na verdade, se vocês quiserem saber, é impossível fazer isso aqui como um diagrama num papel; o diagrama ficaria muito complicado, mas você pode estruturar mentalmente a sua leitura nesta forma. Faça no papel umas duas ou três vezes, só para você entender o conceito. Ali em cima, você teria que pôr, por exemplo, o autodidatismo ou a leitura solitária. A idéia de que, por exemplo, no processo do aprendizado o sujeito ativo é o estudante, não o professor. (Mas então seria colocado também aprendizado, outra palavra para cima, que não está no texto.)

O sentido que ele dá no texto especifica uma das faixas de significado da palavra educação, e eu tenho a impressão [de] que ele jamais pensou na outra, porque ele está falando como um cientista social interessado num processo social. Ele está interessado eminentemente na educação que um grupo dá a outro. Se você fizer a mesma coisa com as frases seguintes, ele dirá: “O tipo de comportamento e a atitude que a educação tenta desenvolver”, você vê aqui de novo: a educação é um processo pelo qual um grupo tenta desenvolver no outro um certo comportamento ou uma certa atitude, então você vê que isto novamente exige que você recue desde o sentido geral que a palavra educação te evoca para um sentido específico que é o que ele está dando. Ele dirá: “Não é determinada apenas pela filosofia abstrata ou por métodos cientificamente desenvolvidos”, ou seja, o grupo que está transmitindo a

educação para outro tem certos princípios pedagógicos e teorias científicas na cabeça.

Mas isto não basta para explicar o tipo de educação que este grupo está dando para o outro grupo, porque o primeiro grupo tem uma composição sociológica real. Por exemplo, esses professores podem ser professores de um colégio estadual ou de um colégio particular – isso muda bastante a situação deles; eles podem ser membros de certas associações profissionais e não de outras; eles podem pertencer a uma camada social específica, e de toda essa situação social deles, muita coisa se filtra para dentro da educação, para além dos critérios científicos e pedagógicos conscientes que eles estão tentando aplicar.

Então, o que ele está dizendo [é que] você precisa conhecer sociologicamente e não só intelectualmente – não só a composição intelectual do grupo, mas a sua composição sociológica: seus hábitos, seus valores, sua posição na sociedade, suas responsabilidades e deveres para com a sociedade restante, etc., etc. –, para entender qual é o tipo de educação que eles estão tentando passar para o outro grupo. Novamente, você vai apelar à sua memória, à sua imaginação. Lembre-se de coisas que os seus professores passaram a você que não tinham a ver com a matéria, ou com pedagogia.

Eu me lembro, por exemplo, que o meu colégio resultou da fusão de dois colégios que vieram de extrações sociais completamente diferentes: um era um colégio antigo, quando o exame de admissão – naquele tempo ainda havia um exame de admissão, não sei se tem ainda – era rigorosíssimo, então só iam bons alunos para lá. Havia uma seleção, se não social, ao menos intelectual, e os caras se consideravam uma elite. E este colégio se fundiu com outro colégio, que tinha dez vezes mais alunos que o nosso e era exatamente o contrário: um colégio recém-fundado, só com professores novos e com um critério de seleção muito elástico, onde entrava qualquer um, ou seja, tinha um bando de analfabetos lá dentro. O corpo de professores, portanto, refletia duas condições sociais totalmente diferentes: o nosso era um colégio estadual, o outro era um colégio municipal.

Os professores do colégio estadual tinham sobre eles o peso de toda uma tradição: eles tinham a galeria de professores ilustres, de grandes escritores, de cientistas que foram professores lá... Então havia uma certa exigência, uma certa pressão. No outro, não: eram uns caras que tinham vindo do nada. E de repente estavam todos eles sentados numa mesma mesa, sendo professores num mesmo título... É claro que havia outras diferenças também, mas eu me lembro que, quando fundiram os colégios, logo começaram a surgir conversas sobre casos amorosos entre professores, o que, antigamente, no outro, não existia – se [houvesse] algum você jamais ficaria sabendo. Eles fariam isso lá longe pra você não saber, porque não podiam passar o mau exemplo. No novo, já podia isso. E ao mesmo tempo você tinha velhos professores, rigorosos, moralistas, tudo isso misturado. Eu lembro que a minha educação ginasial foi uma experiência de caos social e cultural. O que não foi para muitas outras pessoas.

Tudo isso não tem nada a ver, teoricamente, com os métodos pedagógicos e

com os conceitos científicos deles, mas tem a ver com a composição sociológica daquele grupo. Na verdade, isso foi um dos motivos que me levaram a apostar na auto-educação. Porque se você está no meio do caos e você vê que aquelas pessoas não sabem o que estão fazendo, então você está num navio pilotado por um sujeito bêbado e cego. Bem, se eles não vão me ensinar nada, então é melhor aprender sozinho! Deste modo, eu passei por uma outra experiência educacional que não está prevista aqui, mas que é totalmente alheia ao que ele estava falando? Não. Porque, de fato, o teor da educação que ele estava passando era determinado não só pelas idéias científicas e pedagógicas dele, mas por sua composição pessoal.

Mas por que é que este outro aspecto da educação, tão importante que é a auto-educação, não está abrangida aí? Porque – na primeira linha ele já disse – ele está interessado na educação enquanto processo social de ação de um grupo sobre outro e não na totalidade do fenômeno educação. O restante do livro nos mostrará aos poucos algo do qual já começamos a suspeitar: ele está estudando o processo educacional do ponto de vista não apenas do sociólogo, mas do engenheiro social. O que ele quer estudar é a ação de um grupo sobre outro grupo, e como é que um grupo coloca na cabeça do outro os comportamentos e atitudes que ele deseja. Existe isso na educação? É claro que existe, porém, nós preferiríamos dizer mais especificamente que isto não é a educação, isto é a socialização do sujeito. O ponto de vista deste estudo do Kurt Lewin é apenas a educação como socialização ou adestramento social da pessoa.

Com freqüência, esse aspecto se opõe à educação. Nós temos essa experiência no Brasil – para que o sujeito seja socializado, é necessário que os interesses intelectuais dele cedam às exigências do processo adaptativo, onde, vamos dizer, um interesse excessivo por certos conhecimentos, principalmente se forem conhecimentos que não estão... (cai a conexão 1:39:23 e é retomada a 1:39:56) **[01:40]** Então, que o interesse excessivo por certos conhecimentos, principalmente se não forem conhecimentos que estão incluídos no sistema educacional formal, será considerado uma excentricidade ou como um sinal de maluquice e, no fim, até um motivo de desajuste social da pessoa.

Bem, a obra inteira do Kurt Lewin é a obra do engenheiro social, talvez o maior engenheiro social do Séc. XX. Mas você vê que as análises dele (você verá em outros livros, também dele) nunca são apresentadas por uma distinção clara entre o que é a perspectiva da engenharia social ou o que é a sociologia dela decorrente, ou a psicologia dela decorrente, ou do que seria a psicologia de um modo geral. Embora ele tenha páginas absolutamente memoráveis sobre o método em sociologia e método em psicologia, você vê que ele jamais se preocupa com esta distinção.

Se você começa a ler isto e logo no começo não percebe que a perspectiva do sujeito é a engenharia social, você pode chegar a uma série de conclusões erradas sobre o que seja o processo educacional, pensando que o processo educacional é isto. Você veja, por exemplo, que dos aspectos puramente intelectuais do processo educacional, ele faz abstração. Ele não está levando isso em conta. Para nós, aqui, o que interessa são, *sobretudo*, esses aspectos. Nós podemos fazer essa análise porque, por um lado, tentamos a estrutura

lógica das proposições, da ordem das proposições, mas não paramos por aí.

Entendemos que há também uma série de conexões lógicas entre os elementos das duas camadas de evocações, uma que nós fazemos e outra que nós entendemos que o autor esteja fazendo, e só entendemos uma por contraste com a outra. É porque eu lembro de aspectos da educação que não se enquadram no que ele está dizendo que eu percebo que ele está usando a palavra educação num sentido específico, e não num sentido geral. Do mesmo modo, o que ele fala do social também. Que ele também entende o social eminentemente no sentido da ação social e não da estrutura social de modo geral ou outra coisa assim.

Se você fizer isso muitas e muitas vezes no começo, com paciência – não precisa fazer no papel, até recomendo que não faça, pode fazer umas duas ou três vezes só pra você guardar o esquema; você às vezes chegará em estruturas que são mais complexas do que você conseguiria desenhar, então não vale a pena perder tempo em desenhar, simplesmente as imagine –; se você fizer isso um número suficiente de vezes, devagarzinho, com paciência, com o tempo isso se automatiza. Mas nunca, nunca, nunca façam análise de texto antes de terem criado círculos mais vastos de evocações, porque senão você vai fazer somente a análise do texto. E você vai entender o quê? Um texto. Grande porcaria! Quando Kurt Lewin escreveu isso aqui ele não estava escrevendo a respeito de texto, ele estava escrevendo a respeito de processos de ação social que são muito reais.

Hoje, quando nós vemos que praticamente a totalidade da educação infantil mundial esqueceu o aspecto intelectual e, praticamente, se concentrou no processo de socialização e de moldagem do cérebro para determinadas condutas; e se nós sabemos que todo esse pessoal aprendeu a fazer isso lendo Kurt Lewin, nós entendemos que estamos lidando com um fenômeno de altíssima complexidade, cuja compreensão vai infinitamente além daquilo que nós podemos compreender pelo próprio texto do Kurt Lewin. Daí nós podemos dizer: “Ah, nós começamos a entender a obra de Kurt Lewin” no seu contexto histórico, na sua intenção profunda, na sua ação sobre a sociedade e nas suas conseqüências. Eu não posso dizer que o Kurt Lewin fosse um gênio do mal, não era isso. Era um cientista muito sério, mas nós também entendemos que, às vezes, as melhores intenções podem dar os piores resultados.

Nesse estudo mais para adiante, ele contrasta a educação alemã com a educação americana, e percebe, por exemplo, que na educação doméstica os pais americanos são muito mais gentis com as crianças do que os pais alemães. Em vez de dar uma ordem, eles pedem um favor, por exemplo. E ele acha que isto é um fator que facilita o advento de uma sociedade democrática em vez de uma sociedade autoritária. Ele começa a contrastar, então, vários elementos da educação americana e germânica, e vê que a educação germânica é bastante hierárquica, e nos EUA ela é de fato bastante democrática; porém, existem certos pontos em que a educação americana é mais exigente do que a alemã. Por exemplo: com relação à pontualidade. Ele disse: “Nos EUA, se você marca um jantar para as sete horas, as pessoas chegarão entre sete horas e sete horas e oito minutos, não vai passar disso”. E ele diz: “Isso na Alemanha é impossível – você não consegue controlar o

horário das pessoas desta maneira". Nos EUA eles são desde pequenininhos adestrados para calcular o tempo. Ele até diz uma coisa que eu vi antigamente, mas que hoje em dia eu não vejo mais: certos jornais imprimem no começo da notícia o tempo de leitura que aquilo vai requerer (para o sujeito poder calcular quanto tempo ele vai dedicar àquela leitura de jornal).

Então ele vai pegando esses vários elementos e no fim vai chegar à conclusão... Onde ele quer chegar? "Como é que nós educamos as pessoas para formar uma sociedade democrática, em vez de uma sociedade autoritária?" Eu digo que tudo isso está muito bem, só que, quando eu penso assim (veja a evocação/imaginação), ele fala: *a sociedade alemã dos anos 20 e 30*, que é a experiência dele, o período pré-nazista e depois um pedaço do período nazista. O que é que aquilo me evoca? Muito bem, podia ser que a educação das crianças em casa fosse bastante autoritária, mas naquela época Berlin era chamada de Capital Mundial do Pecado. Todo esse negócio de *Women's Lib*, movimento *gay*, tudo isso já era comum na Alemanha desde os anos 20 ou 10. E isto é que era a vida diária da juventude, não a sua educação doméstica. Mais ainda: o número de seitas pseudorreligiosas que apareceram na Alemanha, com a idéia de derrubar o cristianismo e criar divindades germânicas (não foi Hitler que inventou, tudo isso já existia desde o séc. XIX), isso se impregnou muito [no] que eles chamavam de Movimento de Juventudes – inúmeras associações de jovens que se juntavam para fazer acampamentos, leituras, teatro, milhões de atividades e que àquela altura já tinham virado centro do sexo livre.

Então, a perspectiva do Kurt Lewin é a da engenharia social: se nós quisermos criar um grupo que se comporte assim, assim ou assado, nós temos que colocar tais ou quais valores em jogo. Veja que ele foi [aquele] que desmentiu aquela coisa de que nas ciências sociais não podia haver experimentação, ele fazia experimentação. Ele criava, por exemplo, dois grupos de estudantes, um educado na base autoritária, outro na base democrática – ou o que ele chamava assim. E via o resultado. Ele estava usando os seres humanos como cobaias! E isso aqui, vocês chamam de democrático ou de autoritário? **[01:50]** Por exemplo, você está sendo educado por um princípio autoritário para que o Kurt Lewin faça sua experiência, mas você não sabe disso. Você acha que isso é democrático? Não! Então, o conteúdo da experiência objetiva pode ser democrático, mas a estrutura é altamente autoritária. Lembro até do negócio do ovo da serpente, que é um casal vivendo dentro de um apartamento e eles não sabem que eles são objeto de uma experiência científica. E, ampliado, eu sei que quem fez isso não foram os nazistas, foi o Kurt Lewin, que não tinha nada de nazista e nem estava na Alemanha, já estava na Inglaterra.

Se você não pega tudo isso, você não entende realmente o que o Kurt Lewin está dizendo. Você está entendendo somente o texto. Agora, o texto sem contexto não é nada, porque ele não está escrevendo um texto para ser lido por outro texto. Se ele está falando de uma ação social é uma ação social para ser desenvolvida por seres humanos reais sobre outros seres humanos reais. Então existe, necessariamente neste caso, todo um contexto real, social, etc. que não está no texto.

Cabe a pergunta: esse modelo da conduta democrática e da conduta

autoritária que ele usou, abrange o conjunto das diferenças sociais fundamentais entre os EUA e a Alemanha na época? Não. Ele está deixando de fora coisas que talvez fossem muito mais importantes. Também, quando ele fala isso, outra evocação surge na minha cabeça: quando ele fala “a Alemanha dos anos 30”, já vem um monte de evocações, eu li um montão de coisa. Eu assisti a praticamente todos os filmes alemães importantes da época, todo o expressionismo alemão, os filmes do Fritz Lang, Georg Pabst, todos eles. Li um monte de livros a respeito, estudei coisas sobre o teatro na época, sobre as artes na Alemanha, sobre a vida social, então tudo isso vem à evocação só com o título “Comparações sócio-psicológicas entre EUA e Alemanha, 1936”: pronto, já vem um monte de coisa à cabeça; a imaginação está cheia de coisas. E é dessa imaginação que eu vou tirar os pólos de comparação entre o assunto material a que ele está se referindo e o enfoque formal que ele faz.

Aí há aquela famosa distinção escolástica: toda ciência tem um objeto material e, dentro desse objeto material, ela recorta um objeto formal, ou seja, o aspecto específico daquele fenômeno que, de um modo geral, ela vai estudar. Kurt Lewin não está estudando a sociedade americana e a sociedade alemã em comparação, está estudando o modo de ação social de um grupo sobre outro, dentro dos EUA e dentro da Alemanha. Porém, como ele faz isso fora da descrição dos outros fatores, o resultado é que ele chegará à conclusão de que tal educação favorecerá a democracia e tal outra favorecerá a ditadura ou ao autoritarismo. E é errado, porque se todos aqueles garotos alemães obedecessem à educação que receberam em casa dos seus pais, eles nunca iam partir para esse negócio de sexo livre, de revolta contra o cristianismo, essa coisa toda. Esses elementos, evidentemente, foram muito mais decisivos na formação do nazismo do que a mera educação autoritária (mesmo porque a educação autoritária já vinha desde 1500 e não provocou nazismo nenhum), pois ela foi um fator constante.

Por uma ironia ainda maior da situação, eu me lembro que havia uma estreita ligação entre esse pessoal do Kurt Lewin e o pessoal da Escola de Frankfurt que, logo nessa época, ou um pouco depois, estava vindo para os EUA onde fizeram um estudo pago pelo governo americano que se chamava *Personalidade Autoritária*, dizendo que a educação americana criava personalidades autoritárias porque era baseada no protestantismo, estrutura patriarcal, essa coisa toda. Espera aí: então já estamos em plena confusão, porque um está vendo aqui a educação americana eminentemente como formadora de mentalidades democráticas e os outros estão dizendo exatamente o contrário – e eles são todos colegas entre si! Então, onde você está parecendo ler uma coisa muito clara, muito simples, eu digo: Meu Deus! Há um bicho de sete cabeças por trás!

Este é o método de leitura: você vai pegar essa estrutura lógica do que está sendo dito, mas vai situar essa estrutura lógica dentro de um conjunto de evocações que não são apenas uma estrutura, mas são elementos vivos, pulsantes, por assim dizer, que vão te dar a verdadeira natureza viva do problema que está sendo discutido. É assim que se entende não só um texto de filosofia, qualquer texto (filosófico, científico ou até artístico, de ficção), e é isso o que você tem de fazer.

Por isso que eu disse: antes de entrar no problema da análise do texto, antes de tudo você tem que se deixar impressionar pelo texto. O que é [se deixar] impressionar? É fazer com que ele desperte evocações na sua cabeça – mesmo que essas evocações lhe pareçam despropositadas no momento, pareça que você está fugindo do assunto. Parece que você está fugindo do assunto? Anota, guarda isso na sua memória, você vê que mais tarde isso pode ser útil. É por isso também que esses textos têm que ser lidos de maneira lenta. À medida que você prossiga a leitura, vocês vão ver que ela vai ficar mais rápida, porque as evocações necessárias já vão se organizando, e você não vai precisar repetir todas (mas no começo da leitura isso é absolutamente fundamental). Ou se lá pelo meio do texto aparece uma novidade completa, algo que não estava previsto no texto antes, você também vai ter que fazer a mesma coisa de novo e de novo.

É claro que isto aqui não esgota o repertório de técnicas, mas note bem que quando eu digo técnica de leitura, eu estou dizendo o desenvolvimento de uma atitude pessoal cem por cento presente, cem por cento responsável, cem por cento viva, e não uma formulazinha de decomposição de texto que todo mundo pode aprender igual. Você percebe que entre a nossa técnica e o que os *caras* ensinam na USP a diferença é a seguinte: nós somos profissionais, nós somos universitários, e eles estão ensinando o ginasial e acham que são os *cobrões* por causa disto.

A mera análise estrutural do texto pode [te] levar tão infinitamente longe do assunto, que você vai se apegando ao texto como um objeto e quanto mais você considera o texto como um objeto, mais o separa dos objetos do texto. Se o texto é o objeto, então ele não tem outro objeto além de si mesmo. Mas o que é que eles estavam fazendo? Estavam tentando falar de um objeto que não era ele. Quanto mais você considera o texto como objeto, mais você se separa do objeto do texto. Por exemplo, você está vendo aqui uma estátua do monstro de Frankenstein, ou está vendo uma estátua da Vênus de Milo, e eu digo pra você: não, o objeto não interessa, o que interessa é a estrutura da sua visão. Bem, eu posso estudar o seu olho o resto da minha vida e eu não vou saber o que você está vendo. Então, o que esses camaradas fazem é tirar conclusões a respeito de um objeto examinando outro objeto que não tem nada a ver com o primeiro.

Veja, o mais curioso é o seguinte: o método de análise do Martial Guéroult deu muito certo quando ele aplicou a René Descartes, porque o livro das *Meditações Metafísicas* é um livro todo pensado de antemão e onde o que mais importa é de fato a ordem do que ele está fazendo. Quando ele aplicou isso a Espinoza, Leibniz, não deu tão certo. Por exemplo, os textos de Leibniz: se você aplica aquilo aos *Novos Ensaios Sobre o Entendimento Humano*, que é uma discussão com John Locke, qual é a estrutura daquele texto? Estrutura nenhuma, ele simplesmente vai lendo John Locke e comentando. **[02:00]**

Dúvidas: 1) Não compreendi a palavra falada na marca *(2:10:01)*
2) Também não compreendi a palavra falada na marca *(2:10:07).*
Parece *(“políticas”, mas não tenho certeza.)*
3) Não compreendi também a palavra falada na marca (2:13:11). Será “se ater” (?)

[02:00] (...) Então, aquilo não tem uma estratégia de texto por trás, como tinha [para as] *Meditações* de Descartes. Se você pegar então os *Pensamentos*, de Pascal... aí é que ferrou tudo, porque até hoje a gente não sabe a ordem que ele queria dar àquilo. Pascal escrevia... Ele tinha um monte de... Sabe esses alfinetes de padaria?... Ele tinha um monte daquilo em cima da mesa e ele escrevia nos papeizinhos e grudava ali. De vez em quando, ele falava: "Não, eu acho melhor mudar a ordem". Aí ele mudava os papeizinhos dos alfinetes; e ele fez isto várias vezes. Quando ele morreu, ninguém sabia qual era a ordem que ele queria dar àquilo. Agora, como é que você vai aplicar o método do Martial Guéroult aos pensamentos de Pascal? Não dá. Como é que você vai aplicar o método de Guéroult a Nietzsche? Nietzsche era um sujeito que sofria de sífilis terciária e tinha aquelas dores de cabeça horríveis; a maior parte do dia ele estava inutilizado. Quando melhorava um pouquinho, ele corria para a escrivaninha, escrevia meia dúzia de linhas e depois tomava mercúrio, tomava láudano e voltava a dormir. No dia seguinte escrevia uma outra coisa, sobre outro assunto completamente diferente e daí juntava aqueles pedaços e compunha um livro. Como é que você vai fazer análise estrutural?

Se você partir do princípio de que Nietzsche é um filósofo – no sentido que Aristóteles é um filósofo – você terá que encontrar uma estrutura, uma ordem. As tentativas de fazer isto tiveram os seguintes resultados, por exemplo: Heidegger escreveu um livro memorável sobre Nietzsche, só que aquilo que está lá não é a filosofia de Nietzsche, é a filosofia do Heidegger montada com palavras de Nietzsche. Outro sujeito que tentou se ater mais ao texto, que foi o Eugen Fink (Fink era secretário de Edmund Husserl), fez um estudo sobre Nietzsche tentando descobrir qual é a unidade do sistema de Nietzsche: ele encontrou quatro sistemas diferentes. Quatro é pouco! Talvez tenha até mais!

Quer dizer: a análise estrutural de textos pode levar a alguma coisa, onde a estrutura do texto seja de fato o elemento mais importante para você pegar o seu objeto, mas outras vezes você não tem propriamente uma estrutura de texto, porque a apreensão que o autor tem do objeto é incompleta, é imperfeita, ele está arranhando um assunto, então ele não pode formalizar totalmente.

Isto acontece com muita frequência até nos textos de Aristóteles. A estrutura dos textos de Aristóteles... Se existe uma coisa que é fazer buraco n'agua é descobrir a estrutura dos textos de Aristóles, porque não são textos; aquilo são notas que ele ia desenvolver na aula. O texto seria se você gravasse a aula e [a] transcrevesse, aí você teria o texto. Então, você não sabe se na hora de lecionar aquilo ele lecinou naquela ordem, botou outra ordem; realmente você não sabe. A própria *Metafísica* de Aristóteles foi um livro composto de vários escritos diferentes que um sujeito juntou e disse: *isto aqui é a Metafísica de Aristóteles.* Nós não sabemos se é. Ler Aristóteles... Eu tenho o meu método de ler Aristóteles: eu leio um pedacinho e completo imaginariamente. Ou seja: *o que Aristóteles precisaria saber, para saber estas coisas aqui?* Então aí eu começo a encontrar os elos entre as partes. Mas dá um trabalho de imaginação total, no qual eu me arrisco a perder, a inventar coisas que estão na minha cabeça e não na cabeça de Aristóteles. Então você usa o texto como medida mínima do ponto de convergência entre a sua imaginação e a

imaginação de Aristóteles.

Este método aqui está subentendido em tudo o que eu escrevi, em tudo que eu falei, em tudo que ensinei. Eu sempre li assim, desde que me entendo por gente. Quando eu comecei a lidar mesmo com estes textos filosóficos eu sempre fiz assim. Isto quer dizer que no começo eu podia levar um ano para ler um livro. Não tem importância! Quem está com pressa? Quando eu peguei aquele livro do Sertillanges, que é o livro que inspirou meus cursos no começo, em que ele fala daqueles quatro níveis de leitura: a leitura formativa, a leitura informativa, a leitura de lazer e a leitura de edificação, de inspiração. Então, enquanto você está fazendo uma leitura formativa – você pode dedicar àquilo um ano, dois anos, o tempo que você queira – você pode fazer um monte de leituras informativas, onde você vai ler sem a intenção de penetrar a intenção profunda, mas só para catar uma ou outra informação, mesmo que você a cate deslocadamente da estrutura em que o autor está dando. Por exemplo: agora, para esse negócio de *A Mente Revolucionária*, eu estou fazendo um monte de leituras informativas, [que] eu vou lendo rapidinho; de repente, pego um pedaço e: *Opa! Tem uma informação aqui que me interessa.* Pego ali e anoto aquilo. Pouco importa se para o autor aquilo tem uma importância completamente diversa da que tem para mim. Essa leitura é informativa; você não está interessado na profundidade do texto, mas em colher o que dele lhe serve para alguma coisa.

Tem a leitura de lazer, que eu não preciso fazer muito, porque tem um monte de e-mails que as pessoas me mandam falando besteira e aquilo é o meu lazer.

E a leitura de edificação, que você vai fazer para te inspirar. Vai ler a Bíblia, vai ler os sermões do Pe. Pio, [mas] você não vai analisar o texto. Você vai deixar que aja sobre você. A partir da hora que eu aprendi essa distinção, eu falei: bom, então não tem problema; eu posso ficar dois ou três anos em cima deste livro, porque em volta dele eu vou estar lendo um montão de outras coisas. Um aluno me perguntou outro dia: *Ah, eu leio oito livros ao mesmo tempo, isto dá certo?* Pode dar se forem leituras feitas em níveis diferentes. Para esses grandes clássicos da filosofia o melhor é a leitura formativa mesmo, onde você vai dar toda atenção. O livro do Kurt Lewin não é esse caso. Eu não vou prestar toda essa atenção ao Kurt Lewin; eu já sei mais ou menos do que se trata, e eu sei mais ou menos o que eu quero ali. Então isto quer dizer que toda essa análise estrutural não quer dizer que eu não a faça, se estou lendo mais rápído. Eu a faço de maneira implícita. Se ela me levar a alguma absurdidade; a alguma contradição: *Epa! Agora eu tenho que parar; olhar tudo metodicamente, porque eu pensei que estava entendendo e não estou.*

Então, toda essa coleção de atos você faz em busca da compreensão – não de um texto, não leia para entender o texto; leia para entender o objeto – o *de que* o sujeito está falando – a não ser que seja um poema. Um poema, realmente, é quase um objeto. Num poema é difícil você separar o que é o objeto do que é o assunto dele, do que é a forma dele. Mas, esqueça. Mais tarde a gente volta a isso.

Você está fazendo esse esforço para compreender um monte de elementos da

experiência pessoal, cultural, história etc. etc., isto é uma aventura de uma riqueza infinita. Isto vai abrindo portas e mais portas e mais portas e, daqui a pouco, você vai ver que aqueles procedimentos de análise, que no começo lhe davam tanto trabalho, eles se tornaram espontâneos para você. Também, é claro, que o preço disto é o leitor recém chegado não perceber as sub-intenções que [existem] atrás do que ele está dizendo. Mas ninguém está escrevendo para idiota! Você não pode impedir que o idiota leia o que você escreve, não é proibido, mas em princípio não é para essas pessoas que eu estou escrevendo; eu estou escrevendo para pessoas que tenham ao menos a abertura. Embora você não tenha um público adestrado para aquisição de alta cultura, você tem pessoas como vocês mesmos – os alunos deste curso. São pessoas que não só estão abertas, mas estão querendo aquilo desesperadamente. E por uma espécie de efeito providencial, esse mero desejo intenso desenvolve na pessoa um monte de capacidades que ela não adquiriu por treinamento explícito, mas que acabam aparecendo.

--- INTERVALO ---

Aluno: O método mnemônico descrito no livro O Palácio da Memória, de Matteo Ricci (1552-1610), pode ser comparado ao Jardim de Epicuro*? É uma forma de empobrecimento da consciência, ou uma ferramenta útil?*

A resposta é muito simples: eu não li esse livro. Vou ver se acho.

Aluno: O que o senhor pode dizer acerca da capacidade de percepção de eventos à distância por meio de exercícios de visualização? E mais ainda: o que o senhor pensa sobre a (2:10:01) a produção mesma de eventos com esforço contínuo de visualização com as propostas (2:10:07) como O Segredo*,* Método Silva *etc. etc.*

Bom, tudo isto pode acontecer; só que uma coisa é você ampliar de tal modo a sua capacidade imaginativa que você acaba imaginando as coisas como elas são, mesmo à distância, sem experiência pessoal; e outra coisa é você forçar especificamente essa capacidade de visualização à distância. Isto aí vai destruir a sua mente. Tem coisas que, ou elas acontecem como efeito do desenvolvimento integral da personalidade, ou é melhor que não aconteçam. Qualquer dessas supostas capacidades extra-sensoriais é assim. O meu conselho é: *não se metam nisto*.

Porém, existe uma coisa que você tem que se convencer: aquilo que você quer saber, nada resistirá ao seu desejo de saber. Nada, nada, nada... Por um meio ou por outro você acaba sabendo. Se você quer mesmo saber e se você tiver paciência suficiente, e se você confiar – se você conseguir ser dócil às instruções do Espírito Santo – você vai saber muita coisa que nem tem jeito de saber da onde você tirou. Isto acontece.

Agora, a base disto é a personalidade construída de maneira harmônica, centrada – centrada também quer dizer hierarquizada, que tem um centro e um topo – quer dizer, tem coisas que são mais importantes, tem coisas que são menos importantes. E isto vai ser o padrão de unificação da sua experiência: a contínua meditação do que é verdade suprema, supremo bem, e ao mesmo

tempo a abertura para toda a variedade da experiência. E esta coisa que sobe e converge e depois desce e diverge de novo, esta constante subida e descida, à qual corresponderá também, por exemplo, na prece – caso você reze – à oscilação entre a prece em que parece que o próprio Deus está presente e a prece *seca,* que você está apenas repetindo palavras, você está sempre indo de uma coisa para outra e é necessário que isto aconteça.

Se você perseverar nisto e você conseguir, aos poucos, ir harmonizando as várias tensões que te puxam para fora, para dentro, para cima, para baixo... é quase inevitável que você acabe sabendo coisas por meios que nem você consegue descrever; mas se você está a fim de obter (2:13:11) precisamente isto, você vai desconjuntar a sua personalidade. Você vai construir um falso centro e talvez você descubra algumas coisas à distância, mas pode não descobrir outras que estão na sua cara. Então, é mais importante o que está na sua cara primeiro.

Olha, eu não acredito em nenhuma técnica espiritual. Nenhuma, nenhuma, nenhuma... Eu já estudei muitas e não acredito em nenhuma. Todas elas são mais prejudiciais do que úteis. Só existe uma – que não é uma técnica – que é a *verdade da existência*. Ao mesmo tempo a busca da verdade da existência e a aceitação dela. Tem um lado ativo e tem um lado passivo. Tem o *ying* e o *yang*. Tem a busca ativa e tem a aceitação; se falhar um desses dois, dançou!

A disposição que você tem que ter de que a verdade da existência, à medida que ela aparece para você, modele de novo a sua alma. O que implica em você também voltar atrás, rever os seus atos, remontar tudo numa ordem nova para você se amoldar, cada vez mais, àquilo que em termos religiosos você pode dizer: o que Deus quer de mim? O que Deus quer de mim é o que eu verdadeiramente sou, porque Ele já sabe quem eu sou. Eu posso me perder de mim, mas Ele não pode se perder de mim. E Ele não pode me perder. Mesmo as criaturas que Ele mandou para o último grau do inferno Ele conhece todos, Ele sabe todos de trás para diante. Então, esse constante confronto com o observador onisciente – que na verdade não é um confronto porque você não está face a face – ele te abrange se você aceitar ser abrangido. Tudo isto forma uma dialética permanente em vários sentidos. Isto de algum modo vai te centrando. Isto não é bem uma técnica, isto é a vida mesma. Fora disto eu não acredito em *yoga*, não acredito em meditação, não acredito em prece perpétua, não acredito em exercício da ginástica de *Loyola*. Não acredito em nada. Tudo isto são instrumentos. Agora, o problema não é o instrumento; o problema é para quê você está usando?

Veja, exercício e técnica é sempre uma coisa separada de você. É uma fórmula à qual você vai tentar se adaptar, mas a coisa que interessa não é a fórmula. O que interessa é a realidade da sua pessoa. Exercícios são sempre uma coisa teatral. Uma situação teatral montada para um determinado fim. Escapa da realidade. O verdadeiro aprendizado é na própria realidade. Toda a forma de exercício espiritual, mesmo os mais sublimes, eles tendem a se coisificar. Veja: se você fizer determinados exercícios espirituais o resto da sua vida, você vai chegar lá no Juízo Final levando o seu currículo, dizendo: *Olha, eu tenho tantas horas de prática de exercício espiritual!* O que significa isto em face da realidade última? Não significa nada! Mas tem coisas que significam:

você busca a realidade última. Você busca a Deus porque você O ama, porque você O quer. E é só por isto que você vai ser julgado no fim. Se você pegar, por exemplo, a idéia cristã da confissão. O que é a confissão? Ela é só para dar a você a medida da incomensurabilidade entre o que é o nosso ser presente de carne e osso e aquilo que Deus pode fazer com você na eternidade. Estas coisas não são comensuráveis. Então, você vai estar sempre errado. Nosso Senhor Jesus Cristo disse: *Sede perfeitos como vosso Pai é perfeito.* Mas o que ele está entendendo como perfeição? É a perfeição divina? Não, não pode estar esperando uma perfeição divina de nós. Ele está esperando uma perfeição humana. E a perfeição humana é não uma perfeição quantitativa, em todos os aspectos; ela é uma centralidade e uma harmonia dirigida para cima. É só isto. Mais do que isto não existe! Ninguém tem isto. E esta harmonia dirigida para cima o que é? Isto é o que se chama amor a Deus. É o primeiro mandamento. Então, é só isto que interessa no fim das contas. O resto pode ser até um fetichismo.

Aluno: Na última aula foi dito que a psique é formada basicamente pelo consciente. Se não compreendi mal, o conteúdo do inconsciente se constituiria de experiências conscientes esquecidas, mediante símbolos criados para tal finalidade. A dúvida é a seguinte: é este o único material constitutivo do inconsciente?

A resposta é não, porque você tem o inconsciente constituído dos automatismos corporais com os quais você já nasceu. E também dos reflexos condicionados desenvolvidos para fins de manutenção disso aí. Tudo isto funciona sem que você perceba.

Aluno (continuando): Não seria possível que alguns dados da realidade sejam absorvidos diretamente pelo inconsciente, sem passar pelo consciente? Quer dizer: não é possível haver percepções inconscientes? Se possível, seriam estas percepções que Leibniz denomina percepções insensíveis? **[02:20]**

Olha, vamos ser claros. Percepção inconsciente é contradição de termos. O que há é a percepção demasiado rápida. É o que nós chamamos *subliminar*. Quer dizer: está abaixo do limiar de tempo para que você possa perceber. Mas isto não quer dizer que você não percebeu, e não quer dizer que seja inconsciente. Esteve consciente por uma fração infinitesimal de segundo. E esta faixa, este limiar não é o mesmo em todos os seres humanos. Por exemplo: naquele caso dos dois baralhos (quatro pilhas de baralhos, vermelhas e azuis, que eu citei para vocês) o indivíduo, se quiser, pode se tornar sensível a esta percepção imediata e mais rápida que ele tem. É uma questão de abertura.

Se você quer mesmo a verdade das coisas, então você não vai ficar preso dentro dos esquemas que você habituado. Você não vai jogá-los fora, mas você vai fazer uma oscilação pendular dialética entre a sua capacidade construtiva mental de criar raciocínios e a sua capacidade perceptiva. Eu acho sim, a capacidade perceptiva ela sempre tem que predominar enormemente. Você tem que estar aberto para a percepção de tudo o que tiver. E com isto você acaba percebendo coisas sobre as quais outras pessoas *passam batido*. Por exemplo: toda esta coisa que tem hoje – que o pessoal desenvolveu muito nas

últimas décadas – da comunicação não-verbal. O que aconteceu? Como é que apareceu isto. Aconteceu que teve esse psicoterapeuta, o **Milton Erickon**. O Milton Erickson era paralítico, então como ele se movia pouco, ele percebia muito. Então, onde uma pessoa comum não repararia nada, ele reparava. Por exemplo: a direção de um olhar, uma mudança de entonação de voz, uma diferença na temperatura da mão... Ele começou a reparar essas coisas. Como é que ele reparou isto? Alguma técnica? Não, ele reparou porque quis reparar e tinha tempo para isto. Se você ficar, por exemplo, muito tempo fechado dentro de um quarto pequeno, você acaba percebendo ali muito mais coisas que tinha antes. Eu me lembro que eu tinha um amigo; faz muitos anos que não o vejo – chamava-se Roberto Müller Tinoco – e ele era entomologista. Um sujeito de um talento extraordinário! E uma vez ele disse para mim: *Você quer ver o que é o mundo dos insetos? Eu vou mostrar para você que treco complicado que é.* Ele pegou e demarcou uma área de aproximadamente quarenta centímetros por quarenta centímetros. *Vou mostrar para você todo mundo que está aqui, agora.* E ele pegou uma pinça e um vidrinho e começou a catar insetos. Nossa! Aquilo não acabava mais! Eu nunca teria visto aqueles insetos! Ele encheu o vidro com os insetos que tinha ali! Nós não percebemos estas coisas, mas o sujeito de tanto observar aquilo, e como ele tinha interesse naquilo, ele acaba vendo: aqui tem um, aqui tem outro, aqui tem outro...

Do mesmo modo, se nós estamos interessados num material que nos interessa, sobretudo os produtos da cultura humana, da história etc. a gente acaba percebendo as nuanças que outras pessoas não perceberiam. Por exemplo: eu imagino que depois de todos esses anos de prática, eu percebo nos movimentos da política diária, sub-correntes históricas que vem de muito tempo ali e que pessoa que está em volta não percebe. E não sabe exatamente qual é a dimensão dos problemas. Claro que eu posso errar também, eu posso deixar de ver outra coisa que o outro sujeito que estaria mais sensibilizado para aquilo, perceberia. Mas o truque é assim: você querer a verdade e estar aberto para ela sempre, sempre, sempre... vinte e quatro horas por dia! E aproveitar tudo o que está na sua mente (2.25.00), inclusive as ideias mais idiotas que você tem. Os pensamentos mais ociosos às vezes podem ser reencaixados, contanto que você não crie um antagonismo. Por que se você tem uma ideia, tem um desejo, tem uma coisa... e você fica com horror daquilo, você se reprime... não é assim que se faz. Você se dá nota: *olha, tive mais uma ideia de jerico.* Pronto, acabou, não fica brabo porque teve ideia de jerico. A ideia de jerico, pensada várias vezes, ela pode revelar profundidades, pode revelar um valor, você não sabe! Fantasias inúteis: você começa a pensar que você vai ficar milionário, que você vai comer, que você vai comer a Sharon Stone. A Sharon Stone já está meio passada... Meus exemplos todos dessa área erótica estão todos atrasados; estão todos superados. Os caras às vezes falam... Pedro, meu filho, aparece falando: que mulher espetacular! Eu nunca ouvi falar. Para mim nem existe. A minha cultura de massas é de trinta anos atrás. Então, querer comer, sei lá, fulaninha: preencha aí. Fica um espaço que você preenche. São pensamentos ociosos evidentemente. O que você faz? Anote: *tive mais uma ideia de jerico que não vou realizar!* Tá aqui, pronto! Não fica bravo com você por causa disto. Não se envergonhe disto. Veja: a Igreja Católica jamais vai acusar você do que você pensou. As ideias de jerico passam na sua cabeça, agora se você disser: *não, eu quero ficar pensando esta ideia de jerico o dia inteiro...* epa! aí virou sacanagem! Aí entra

no que chamam deleitação amorosa... aí você está incentivando a ideia de jerico. Mas deixa elas passarem. Não fique brabo com elas não, não se horrorize com elas porque às vezes, por trás delas, tem alguma dica preciosa de você sobre você mesmo. Coisas que normalmente você não perceberia, como eu não percebi os insetos alí em baixo das folhinhas. Então vai anotando tudo. Olha, tudo isto é a verdade. As pessoas, às vezes, elas só querem as verdades elevadas, universais etc. etc. Não, por que você não aceita essas humildes verdades que a sua experiência – a sua própria mente – lhe apresentam?

Estas fantasias, às vezes, podem ser coisa vulgar, mas por trás delas podem ter impulsos verdadeiros e sérios. Só apareceu sob aquela forma idiota, mas às vezes tem alguma coisa boa por trás. Então você simplesmente anota e guarda. *Não sei o que é isto, mas é uma idéia que passou por minha cabeça.* Mais ainda: as idéias que passam na sua cabeça nem sempre vêm de você. Vêm do ambiente. Por exemplo: você pensa certas coisas e não sabe porque aquilo apareceu na sua cabeça e quando você vai ver tem um ruído no ambiente que evoca aquilo. Ou alguém disse alguma coisa que trouxe aquilo para você e dez minutos depois aparece na sua cabeça. Então você vai sabendo quais são as fontes das suas ideias.

Agora, o que estraga muito isso, o que impede isso, é um apego acessivo à auto-imagem. A nossa auto-imagem tem que mudar milhões de vezes para que você pegue. Você vai ter que estar sempre disposto a descobrir mais alguma coisa sobre você, e saber que você não é um personagem estático. Você é um centro agente, receptor e criador. O tempo todo é isto o que você é. E esse centro agente ele tem uma figura total, mas essa figura total não é uma estátua, é como se fosse um algoritmo. Deus conhece esse algoritmo inteiro como se fosse uma estátua. Para Ele está tudo junto, mas para nós não. Nós estamos nos desenvolvendo no tempo. Então, nós estamos caminhando em direção à nossa forma final, que só vai aparecer na hora da morte. E tudo que se passou com você faz parte, de algum modo, dessa coisa. Apenas que lá está mais organizado: tem um centro, tem uma hierarquia. Aqui não, vão aparecendo caoticamente. Então, existem as pequenas percepções sim. **[02:30]** Nenhuma delas é inconsciente. Não existe essa coisa de: aqui tem uma faixa inconsciente e aqui tem uma consciente. Não! Você tem uma gradação, infinitos graus, e aquilo que para uns é inconsciente para outros é perfeitamente consciente. Porém, se você afirma que tem o inconsciente dentro de si, então dançou! Primeiro você decreta que é inconsciente e depois você quer saber o que tem lá dentro? Se fosse inconsciente em si você jamais poderia saber. É porque consciente e inconsciente são apenas gradações que você pode saber alguma coisa, agora se fossem duas zonas absolutamente separadas, ou duas forças atuando de modo antagônico, heterogêneo, você não conseguiria jamais. Só existe a consciência e ela tem vários graus, desde a absoluta presença até a ignorância.

Quando eu digo que há um conhecimento esquecido, ele pode ser imediatamente esquecido, e as camadas de símbolos que estão lá para encobrir, elas podem aparecer imediatamente, é só você pensar em outra coisa. Às vezes porque está passando uma idéia na sua cabeça que você não lembra e ela cria um mal estar lá dentro, você quer pensar imediatamente a

mesma coisa; às vezes vale a pena, às vezes não vale. Às vezes vale a pena você parar e perguntar-se: “O que é que eu estava pensando mesmo?”. O sujeito não está inconsciente. Foi esquecido, mas ele pode recordar de novo.

Aluno: Caro professor Olavo, o curso está realmente espetacular. Muitíssimo obrigado!

Obrigado eu!

Aluno: O filósofo especialista em história da religião, Mircea Eliade, em seu livro Yoga, imortalidade e liberdade, sustenta que a finalidade do Yoga é buscar, por meio de técnicas de meditação – tradução incorreta do termo Dhyana – a supressão da consciência normal para dar lugar a uma consciência qualitativamente diversa que possibilita a compreensão da verdade metafísica. A esta experiência supra sensorial, extra racional, sobejamente documentada, dá o nome de ênstase, neologismo que criou para dar o nome ao estado de samadi.

...Para separar também de êxtase – porque êxtase é “botar para fora” –, *enstase* é “botar para dentro”.

Bom, eu sinceramente não acredito que exista um estado de percepção que dê acesso à realidades metafísicas que seja substancialmente diferente da consciência como nós temos aqui. É a mesma consciência, apenas voltada para um outro objeto. Nós acabamos de falar de percepção de elementos que são fulgazes demais e que escapam. Tem outros elementos que não são percebidos porque são permanentes demais. Na verdade, a nossa percepção só percebe mudanças, só percebe o que acontece. O que é “acontecer”, é alguma coisa mudar. Algo que seja permanente escapa à nossa percepção por causa disso. Porém, aquilo que é permanente cerca você e o determina, mas ela pode ser conscientizada não por uma percepção, neste sentido que estou usando, mas por simples aceitação. No fundo todas as técnicas visam isso. Porém, a partir do momento em que esse procedimento se consagrou como uma técnica, ele pode ser usado a qualquer momento, por qualquer pessoa; a técnica é mais ou menos a mesma, o sujeito vai lá, aprende e faz. Mas isso não está encaixado no desenvolvimento geral e total da sua personalidade. Então de que serve a sua personalidade estar toda tosca, toda disforme e você faz uma abertura metafísica? Você vai ser um idiota para a abertura metafísica. Você vai negar que Gurdjieff ou Aleister Crowley [02:34] tinham abertura metafísica? Eles tinham, e é isso o que você quer ser? Tudo isso é causado por técnicas. O problema realmente não está na técnica, porque técnica é uma série de preceitos que visam articular coisas diferentes para uma finalidade específica, para obter uma certa finalidade, para obter uma certa transformação. Se o centro da sua personalidade não está voltado para a busca da sabedoria, para a busca de Deus, não adianta técnica nenhuma; e se está, então não se incomode com a técnica porque Deus lhe ensinará a técnica.

É por isso que a sequência de meditações vedantinas, que é busca do verdadeiro Eu, não é propriamente uma técnica, mas ela é uma disciplina real de autoconhecimento. Você pode ler a sequência de meditações, a lista dela,

em dois minutos, mas aquilo pode ser também a substância da sua vida; e o que eu estou tentando passar para você é a idéia de que a busca desta centralidade aberta para o infinito deve ser o objetivo de sua vida, porque essa aí é a verdadeira fórmula humana: nós existimos para isto. Se vai transformar isso em uma técnica, eu digo que às vezes pode funcionar, às vezes pode não funcionar. Mas eu acho melhor você deixar a técnica por conta do objeto, que ele lhe revele as técnicas ao invés de alguém lhe ensinar, por que com essas técnicas espirituais acontece a mesma coisa do que com essa técnica de análise de texto. Se ela for integrada dentro de uma personalidade que está seriamente empenhada a realizar aquilo para o qual ela existe, então pode funcionar. Senão, a técnica vai comer a personalidade e isso pode fazer mal. Por exemplo, você pega a técnica de concentração: você consegue se concentrar tão bem em uma coisa que apaga todas as outras. Então, você chega naquele ponto do Hegel: do Eu consciente que suprime o universo e se toma a si mesmo como única realidade. O que você aprendeu? Nada! Você está exatamente na inversão da estrutura da realidade. Então, uns estão tentando se concentrar, um estão tentando fazer viagem astral em si. Isso aí existe aos milhões. O problema não é técnica, o problema é: para quê? É nesse *para quê* que nós temos que nos concentrar.

Toda a obra de Platão é voltada para uma coisa que ele chama de O Supremo Bem. O Supremo Bem é um bem tão grande que não pode ser dito; o que quer que você imagine dele tem mais e mais. Ah, então vamos fazer meditação sobre o Supremo Bem? Não. Meditação você faz em certas horas durante um certo tempo, agora, a busca pelo Supremo Bem não. Faça isso vinte quatro horas por dia, até quando está dormindo. Isso não é uma técnica, isso é sua vida mesmo, isso é a realidade da sua vida; nós todos existimos para isto, todo o ser humano existe para isso e, portanto, não deve ser necessário uma técnica especial para você. Existe uma técnica especial para a vaca dar leite? Não. Você pode até criar uma maquininha, o sujeito vai lá e puxa o leite da vaca, mas se você não fizer isso vai sair leite do mesmo jeito. Então, isso que estamos falando é uma coisa que, se você quiser, nada no mundo vai te impedir de fazer, *desde que você queira mesmo*.

Aluno: Gostaria de refazer duas dúvidas que me surgiram recentemente. Se tudo o que entra na realidade nunca mais sai dela, como ficaria então a questão do inferno onde a alma, em um processo bem lento, se desintegraria?

A alma não se desintegra no inferno, ela sofre eternamente. O inferno é a maior confirmação do que eu estou falando. Nada apaga. Nada! **[02:40]**

Aluno: É correto dizer que quem capta a realidade são os órgãos do sentido, e quase instantaneamente a imaginação que diz as potencialidades do objeto correspondente?

Em princípio, sim! Em princípio vigora a ordem dada por Aristóteles: os órgãos dos sentidos pegam e a imaginação ajunta, ordena e mescla aqueles elementos de modo a parecer outras possibilidades. Porém, isto não significa que haja dois momentos temporais distintos; há duas funções que estão operando juntas. Se você separa a imaginação dos sentidos, se você quer que os sentidos funcionem primeiro e a imaginação depois, você acabou de

desligar a imaginação e você só vai perceber aquilo que está dado pelos sentidos. Veja, quando você teve uma percepção puramente sensível? Nunca! O que quer que você perceba, você já percebe com uma forma integral que você não está vendo. Por exemplo: eu estou olhando uma cadeira e só vejo duas pernas, mas eu sei que tem quatro. Eu estou olhando as pessoas só pela frente, mas eu sei que elas tem costas . Nunca houve uma percepção sensível. Percepção sensível é o nome que nós damos a um aspecto de uma apreensão total, na qual é impossível você dizer o que é sensível e o que não é sensível. Não se trata de uma operação sucessiva e nem mesmo de atos distintos: perceber e imaginar.

O que eu digo é o seguinte: o aspecto imaginário das coisas está presente nelas fisicamente, na sua frente. Você não percebe coisas corporais, isso é impossível! Nunca ninguém conseguiu isso, nem um bebê pequeno pode fazer algo assim. Então, não há objetos sensíveis, há objetos apenas, que você, depois de tê-lo percebido, *ex pos facto* [02:42:43], retroativamente, você separa um aspecto que você chama de sensível de um outro que você chama de insensível. Mas, se você fosse perceber essas coisas separadamente, você jamais comporia um objeto. Como, partindo da pura imagem sensível, eu posso chegar a ter uma coisa que eu chamo de objeto? Só pela pura percepção sensível não haveria objetos, só haveria percepções! E se eu tivesse somente percepções eu não poderia saber sequer se são percepções.

Nós estamos no fim de uma história de quatro séculos de ideias cretinas. Uma das ideias cretinas é essa: existe o mundo material, o mundo das coisas que estão aí, prontinhas, acabadas, com sua forma. Dentro delas existe uma outra coisa que sou; nessa coisa existe um negócio chamado cérebro e um negócio chamado cinco sentidos, e tudo isso em mim funciona de acordo com as mesmas leis que compõe as coisas do mundo objetivo. Isso nunca existiu, isso simplesmente não é possível, isso é uma história da carochinha! Você não pode perceber uma única coisa se você se ativer à materialidade da presença sensível dela. Não dá! Não dá para você saber o que é a bola! Porque a bola que você dá para o moleque, o moleque só pode vê-la por um lado, ele não pode ver a bola inteira. “Ah, mas ele tem o tato”; o tato pega o outro lado da bola inteira? Também não pega! E, no entanto, desde o início, ele sabe que a bola não é uma coisa que está só nos olhos dele, tanto que ele a pega.

O que há é a presença do objeto, isto é o que nós sabemos. Nós estamos em um mundo e nesse mundo, além de mim, há outras coisas e elas se relacionam entre si de uma maneira extremamente rica e complexa, na qual não é possível separar os elementos sensíveis e insensíveis, são apenas nomes que eu dou. Há aspectos que nem sequer podem ser definidos como tais! Veja, percepção e imaginação são nomes, na verdade, que são figuras de linguagem, não são coisas que existam, são lados pelos quais você tenta conceber as coisas para falar deles. Nós só podemos falar uma palavra de cada vez, e nós não podemos fundir todas as palavras, mas o fato é que as coisas das quais nós falamos, os seus lados sensíveis e insensíveis estão fundidos inseparavelmente. Como que uma pessoa poderia reconhecer outra pessoa se tivesse que primeiro reconhecê-la fisicamente, e depois por imaginação ir compondo todos os aspectos que a compõe: a pessoa tem uma história, tem intenções, tem uma subjetividade? Jamais eu ficaria sabendo

uma coisa dessas! Pior, se você imagina que conhece os cincos sentidos, dá uma olhada nesse negócio de neurolinguística e você vai ver que não se sabe nada a respeito da relação entre o cérebro e os objetos. Nada, é zero! Você sabe sobre o cérebro, o qual, também, o que é? Apenas um objeto. Agora, tem umas pessoas que falam como se já tivessem explicado todo o processo perceptivo humano. Eu digo: não! Você conhece alguns mecanismos cerebrais, alguns processos, e não tem a menor ideia de como esses processos "significam" outros, outras coisas.

Ou seja, tem que entender que a base de todo o conhecimento do ser humano não é um negócio que você chama natureza e um outro negócio que você chama cultura, ou mente. Não existem essas duas coisas e, no entanto, você vê que em tudo o que é escola de psicologia as pessoas só discutem esses dois negócios: a natureza, o lado genético e, do outro lado, a cultura. Por exemplo: o sujeito cometeu um crime. O que fez ele cometer o crime foi a genética ou foi a má influência da cultura? Junte essas duas coisas e você não pode compor um único ato humano. Por que: onde elas juntaram? Por que aqui tem a influência da natureza e aqui a da cultura; elas juntaram onde? Na natureza ou na cultura? Tem que ter juntado em um terceiro negócio. Então, este terceiro negócio você chama de psique humana. Se essa psique humana fosse apenas o resultado dessas duas coisas, ela não existiria em si mesma, seria apenas um composto e voltaríamos ao problema anterior. Aqui tem a natureza e aqui tem a cultura, e elas se juntam em uma coisa inexistente chamada psique, mas que não resolveu o problema.

Tem que entender de uma vez por todas que psique é uma realidade que existe em si mesma, ela não é feita nem de genética e nem de cultura, ela tem uma forma própria de existência que é de ser um centro agente e receptor. Um centro agente; portanto, ela é produtora de causas. O ser humano age. Existe, dentre os vários elementos que o compõe, algo que ele chama de natureza e algo que ele chama de cultura, mas a existência dessas duas coisas e o limite delas é algo duvidoso; agora, a existência do ser humano como ser agente não é duvidosa de maneira nenhuma. Quando você tenta explicar as ações humanas pela natureza e pela cultura, você está tentando explicar o certo pelo duvidoso, ao invés de fazer exatamente o contrário. Aristóteles dizia que nós partimos dos conhecimentos mais seguros para chegarmos aos conhecimentos mais incertos e torná-los certos. A metodologia usada nas Ciências Sociais e na Psicologia é exatamente o contrário. Você parte de um dado da experiência, que é a existência da pessoa como ser agente e ser recipiente, e você tenta explicar por dois conceitos hipotéticos que você não sabe nem definir, que se chamam: natureza e cultura. Tudo por quê? Porque você não quer admitir que você existe. Existe um negócio que se chama natureza e existe outro que se chama cultura. Esses dois existem de maneira mais ou menos vaga e imprecisa. Mas eu não existo de maneira vaga e imprecisa **[02:50],** eu sei que eu sou um fator agente e eu sei também que eu sou um fator recipiente. Então, para quê me dissolver em dois conceitos chamados natureza e cultura, ao invés de dizer: "Fi-lo porque qui-lo"? Eu sou um ser agente, portanto nem tudo o que eu faço pode ser explicado por causas que estão por trás de mim. Eu sou causa. Então é claro que pode haver outras causas externas, mas elas não podem agir sobre mim sem mim; ou eu estou lá para receber a ação ou eu não estou.

Então a psique não pode ser reduzida a outros elementos, ela existe como tal. Se não existe, por que existe a Psicologia? Se a Psique não existe, então a Psicologia será a mistura entre Biologia e Sociologia. A Biologia vai falar de um negócio chamado de Natureza, que a gente não conhece direito, e a Sociologia tratará de uma coisa chamada Sociedade, que a gente, às vezes, nem consegue conceptualizar .

Que as pessoas existem, é uma coisa que todo mundo já sabia antes de existir Biologia, Sociologia e Psicologia. Por exemplo, quando chega um sujeito e bate em você, você não diz que “Fatores culturais ou genéticos bateram em mim”; você diz “ Foi o fulaninho”. Qualquer criança sabe disso. Então, porque eu não começo a estudar o fulaninho como força agente e recipiente, e ver como é que funciona? E daí você diz: “Existe uma realidade chamada psique que age assim, assim...”.

A existência da psique é muito mais segura do que a existência de Natureza e Cultura, porque você nasceu e já começa a conviver com outra psique, com outra alma que é a sua mãe, com outra presença humana. Psique e presença humana querem dizer a mesma coisa; ou vai dizer que a mãe, para a criança, é uma percepção sensível que ela teve? A mãe não faz nada, ela fica lá, *paradona*, para que o bebê tenha a percepção sensível? É isso o que ela faz ou ela dá de mamar, pega o bebê no colo? Você conhece a sua mãe como força agente, não como a mistura de natureza e cultura.

Então, o que os caras fazem é inverter o que deveria ser a regra áurea no método científico: não negue a experiência, não substitua dados de experiência por conceitos inventados.

Vamos partir deste fato que é fato de conhecimento universal: existem seres humanos e eles agem. Não é uma coisa tão simples? Por que os caras não querem isso? Porque natureza é um negócio que eles podem coisificar, eles criam o conceito de natureza e falam que existe uma coisa. Sociedade, eles também podem coisificar. Então você pega uma realidade existente, complexa e misteriosa, e você a subdivide em duas coisas inventadas, que lhe parecem extremamente explicativas, mas não explicaram nada. Isso é uma covardia com a própria existência! Por que se eu não estou disposto a saber que existem coisas que eu não compreendo, que eu não posso processar intelectualmente, mas com as quais eu posso lidar, na verdade; se eu não estou apto nem a isso, se tudo o que eu não compreendo me aterroriza e eu tenho que transformar imediatamente em uma estrutura que eu compreenda, eu não posso viver! Desde quando as pessoas tem filhos sem nada saber de embriologia? E se o primeiro dissesse: “Eu não vou entrar nesse negócio enquanto não tiver tudo bem explicadinho”. Não teria nascido mais ninguém e a gente não estaria aqui para contar história.

Aceitar a realidade da experiência, com toda riqueza, com toda a complexidade, com todo o mistério dela, esta é a sua primeira obrigação! Você não está entendo nada, mas você está ali, no meio daquilo, e no fundo você não está se sentindo muito mal.

Aluno: Nesta sexta-feira, na faculdade, um professor fez o seguinte exercício: colocou um filme em que um objeto era filmado em close. O vídeo durou dois minutos, mas o objeto permaneceu incólume durante toda a filmagem. Antes de revelar do que se tratava, o professor perguntou a cada aluno o que seria aquele objeto; resultado: todas as respostas passaram longe do objeto revelado em seguida, um grão de milho de pipoca estourando. Em seguida, o professor apresentou sua conclusão: há mais de uma verdade sobre um mesmo fato. Confesso que fiquei irado e, passando por cima do nosso voto, contestei na hora dizendo que o exemplo dado não permitia aquela conclusão, já que partia de uma perspectiva encoberta. Me lembrei, inclusive, do caso exposto pelo senhor onde um professor dizia para seus alunos que o móvel , que estava diante dos alunos, não era uma mesa mas um aglomerado de moléculas. Estou pensando em mandar O problema da verdade, a verdade do problema[9] *para o professor, mas não tenho muita esperança.*

Olha, o sujeito mostra uma imagem ampliada de um grão de pipoca estourando e quer que você diga o que é. Então você disse que todo mundo não acerta a mesma coisa, e ele disse que há mais de uma verdade. Bom, se há mais de uma verdade, por que ele diz que aquilo é um grão de pipoca e não um elefante branco, por exemplo? O que existe é um monte de erros, ele mostrou um monte de erros e ele, que estava informado, diz que aquilo era um grão de pipoca. Agora, se todo mundo visse um grão de pipoca em uma coisa que fosse ao mesmo tempo um passarinho, um passarinho falando alemão, um elefante voando, um lagarto dançando *ballet*, uma minhoca extra planetária, se todos dissessem a mesma coisa e fossem muitas coisas, então eu diria: há muitas verdades. Me parece que a experiência dele mostra exatamente o contrário do que ele quis dizer, ou seja, todos pensaram mil coisas, mas só uma é verdadeira. Se eu quisesse mostrar a diferença de perspectiva, que mostra um objeto sobre vários aspectos diferentes, eu teria escolhido outro exemplo completamente diferente, como a famosa história dos cegos e do elefante: um mexe na orelha e diz uma coisa; um mexe no rabo e diz uma coisa; outro mexe na pata e diz outra; e assim por diante. Se bem que cada cego está perfeitamente cego porque só examinou um pedaço do elefante, então todas aquelas coisas são verdadeiras à respeito do elefante, embora não sejam do elefante inteiro. Então, nem mesmo este exemplo serviria. Vou dar um exemplo que serve: você pega vários pintores e entrega para eles o mesmo objeto ou a mesma pessoa para eles desenharem. Os desenhos sairão diferentes, embora com o esquema similar. Daí, o imbecil diria: está vendo como não existe o objeto, existe apenas a visão subjetiva? Eu digo: meu filho, se só existissem as visões subjetivas eles poderiam fazer desenho sem ter o modelo na frente. O que você tem é um modelo que, em si mesmo, tem a capacidade de ser visto diferentemente por pessoas diferentes segundo ângulos diferentes, e de ser imaginado diferentemente por cada indivíduo. Porque o próprio objeto não é uma coisa fixa, acabada e extática de uma vez para sempre. Ele é um centro agente. Ele se abre em múltiplos sinais que ele transmite simultaneamente para vários observadores, dos quais, então, cada um acentuará um aspecto. **[03:00]** Todos esses aspectos estão lá. E ainda tem outros mil que estão lá e que não foram desenhados, o que prova que o objeto existe realmente. O objeto tem esse potencial. Se você puser aqui um objeto

[9] Texto do professor Olavo de Carvalho, disponível em http://www.olavodecarvalho.org/apostilas/problema_verdade.html

(você pega um modelo: vamos desenhar a Isabela), cada desenhista vai... (3:00:25 – frases incompletas) Primeiro, porque não podem estar todos no mesmo lugar, só se você comprimiu os vários desenhistas no mesmo lugar do espaço, então você só vê um mas eles são muitos – só se você fizer isso. Mas, se você não fez isso, então cada um está vendo por um ângulo diferente e também em alturas diferentes, com padrões de iluminação diferentes conforme o lugar da sala em que o sujeito está. Pronto, aí você já vê a diferença. Aí, eles vêem diferentemente. E eu digo: espera aí! Mas a própria Isabela, que eu estou vendo aqui desta direção, não está nas outras direções ao mesmo tempo? Então somos só nós que a vemos desde várias direções ou ela está nas várias direções ao mesmo tempo? Se ela não está nas várias direções ao mesmo tempo, então lamento, ela é bidimensional! Entre as várias visões e os vários aspectos do objeto, você tem um tecido de relações enormemente complicado, e é esta multilateralidade simultânea que nos garante a realidade do objeto.

Se fosse um objeto meramente pensado ou conceptuado, ele poderia ser visto só por um lado! Como ele é um objeto real, ele tem muitos [lados]. Tanto que essas várias perspectivas não são 'trocáveis'. Se eu, por exemplo, fiquei de lado e tem um outro desenhista que está na frente, ele está vendo uma coisa e eu estou vendo outra. Nós podemos trocar? Eu, estando de lado, posso vê-la como se ela estivesse de frente? Não, não posso. 'Ah, mas é uma limitação da percepção'. Não, não, não! Ela também não tem essa capacidade. Ela tem a capacidade de, de frente, parecer como se estivesse de lado? Ou estando de frente parecer de costas? Eu não consigo ver isso e ela também não consegue mostrar isto! Essas várias limitações e aspectos do objeto são coexistentes e articulados num sistema ilimitado de relações. Ilimitado e, no entanto, reconhecível quando a gente fala.

Eu estou dizendo essas coisas agora e tenho certeza de que cada um de vocês sabe do que estou falando, porque isso corresponde à experiência da realidade e não a minhocas que um filósofo pensou na sua cabeça insana (um filósofo, ou psicólogo ou qualquer outro). Você veja: quando chegou a um ponto em que na década de 30, Edmund Husserl teve que dizer, lembrar os caras, que por trás do mundo estudado pelas várias ciências existe um mundo da experiência chamado *Lebenswelt* - quando o sujeito chega ao ponto de ter que dizer isto, é porque as coisas ficaram muito ruins! Porque eles já coisificaram os vários aspectos das várias ciências, eles acreditam naquilo e não acreditam em nada além daquilo. Por que, se você é físico, só acredita no objeto da física, se você é biólogo, só acredita no objeto da biologia e assim por diante. Quer dizer, as ciências viraram várias formas de fetichismo, e daí tem que chegar um filósofo e dizer: por trás disto existe um treco que se chama: o objeto, a realidade. É muito grave (quando eu lembro daquelas conferências que Edmund Husserl fez na década de 30 – mas a que ponto de demência os caras tiveram que chegar pra chegar o Edmund Husserl e lembrar os caras disso aí)! E até a essa realidade, ele teve até que dar um nome especializado: *Lebenswelt*. Quando antes isso se chamava: a realidade, o mundo, o universo, qualquer coisa. O *Lebenswelt* (mundo da vida) não é separado do mundo das ciências, ele não é um outro mundo. Mas chega uma hora que você precisa lembrar isso, porque a construção de objetos fetichistas se sobrepôs de tal modo à experiência que os caras acabam acreditando que o

objeto da sua ciência existe e qualquer outra coisa que você diga sobre aquilo é duvidoso.

E daí eles vêem que está faltando alguma coisa no objeto e inventam um negócio que se chama: interdisciplina. E eles esperam assim: 'vamos pegar os vários aspectos das várias ciências e vamos articular pra ver se se consegue construir um objeto de verdade'. Eu digo: impossível! Mesmo que você tenha infinitas ciências você não pode fazer isto. Porque pra cada duas ciências que você tiver, você tem um ponto de articulação entre os vários aspectos do objeto, o qual não é objeto de nenhuma ciência. E daí tem um terceiro. Epa! Aí não tem só um terceiro aspecto, você tem um terceiro aspecto e dois pontos de articulação com os anteriores, e cada um vai ter que ser um objeto de uma nova ciência – isso não dá, meu filho! Então, ou existe um conhecimento básico que é o conhecimento da experiência – e ele pode ser aprimorado criticamente ao ponto de ele servir como base para futuras investigações científicas –, ou não pode. A filosofia serve precisamente pra isso.

O que é uma ciência? Ciência é uma estabilização metodológica provisória de um certo aspecto que se destacou suficientemente dentro da estrutura total do objeto, ao ponto de poder ser tratado separadamente (até certo ponto). Claro que, com o tempo, todas as ciências entram em crise, porque elas acabam chegando em contradições na medida em que vão estudando aquele aspecto sem articulá-lo suficientemente com os demais, percebidos na experiência real. Então o que acontece? Você tem que voltar e rever os fundamentos da sua ciência, isso é normal. Mas isto automaticamente nos diz que as ciências, tomadas isoladamente ou no seu todo, não podem ser base para o julgamento de nada. Elas só valem alguma coisa se estiverem corretamente articuladas com o mundo da experiência real. Não o mundo da experiência real tal como aparece de maneira bruta na experiência, vamos dizer, do cidadão comum, mas tal como aparece à luz de uma recordação e descrição consciente como faz o filósofo. Quer dizer: não existe ciência, só existe filosofia, meu Deus do céu! As ciências são estabilizações provisórias de certas questões filosóficas que momentaneamente se destacaram de uma maneira suficientemente clara, para que você possa continuar investigando aquilo com métodos mais ou menos uniformes durante certo tempo, até que você encontre o limite daquilo e tenha que voltar ao objeto originário.

Aluno: Um animal como o chimpanzé e outros também possuem raciocínio lógico? Parece que o senhor afirmou isso um dia. Um professor da faculdade de filosofia afirmou que Aristóteles, em sua filosofia, esclarece que os animais inferiores não raciocinam. Enfim, apenas nós humanos raciocinamos logicamente ou os animais também raciocinam?

Olavo: Olha, Aristóteles nunca disse isso. Você pega o começo da *Metafísica* e você vai ver que ele diz: “Alguns animais têm memória, outros não”, quer dizer: percebe uma coisa, esquece, apaga imediatamente. Se tiver memória, então pode-se acrescentar nele o que se chama conhecimento por experiência. Se tiver experiência, então daí pode surgir um conhecimento que seja uma técnica. Você vê um grupo de leões caçando, você vê que eles têm uma técnica, e que aquilo dependeu de um aprendizado enormemente complexo (o leãozinho viu os outros caçando e aprendeu a fazer a mesma coisa). Isso quer

dizer que o animal já é capaz desse tipo de raciocínio. Ele não é capaz de fazer generalizações universais, mas generalizações particulares ele tem que poder fazer. Isso está muito claro no começo da Metafísica.

Um exemplo que eu dou, simples: quando você vê o gato e ele quer pular em cima do muro. Então ele toma certa distância do muro, olha e mede mais ou menos a altura do muro. Vou fazer aqui o desenho (3:09:13 faz o desenho): o muro e aqui está o gato (parece um pato, mas é um gato), e aqui tem uma distância. E o que ele está fazendo? Ele está fazendo uma equação trigonométrica: 'qual é o impulso que eu tenho que dar para, dessa distância, chegar lá em cima'? Esta equação trigonométrica ele pode fazer; ele não é capaz de criar em cima disso os princípios de trigonometria, mas esse cálculo ele tem que ser capaz de fazer, porque senão ele vai acertar a cara no muro. **[03:10]**

Aluno: Com relação a essa dicotomia entre o discurso do céptico e o discurso que verbaliza a experiência real vivida, podemos ter o mesmo em relação ao discurso dos comuno-terroristas de um modo geral?

Olavo: Todo esse negócio ideológico é tudo abstratismo, evidentemente. Você não tem um só pensamento ideológico que possa partir da riqueza da experiência real. Não pode, não pode, não pode! Isso é absolutamente impossível! Por exemplo: Karl Marx parte do princípio de que os capitalistas exploram os proletários. Ué, os proletários não exploram os capitalistas? Você nunca viu uma firma ir à falência por causo de sucessivas greves por aumento de salário? O capitalista tem um capital; os caras foram espremendo, roubaram o sujeito até o fim e fecharam a firma! O homem oprime a mulher; a mulher não oprime o homem? Os pais oprimem as crianças; as crianças não oprimem os pais? Até cachorro oprime o dono! Quer dizer, isto é na experiência real. Agora, se você quer um negócio linear, aí você cria aqui exploradores e explorados.

Aluno: (continuação) Tenho observado (e muitas vezes cheguei a me irritar) comunistas fazendo declarações sobre fatos que conhecemos bem – por observação direta – uma maneira tão irreal e distorcida da realidade que é quase impossível rebater. Não porque faltem argumentos probatórios, mas porque parece que falamos línguas diferentes.

Olavo: Mas é exatamente isso. Todo discurso ideológico é a justificação de uma ação que você pretende empreender em vista de finalidades hipotéticas que você toma, por sua vez, como princípios explicativos do passado que levou até esta ação. Bom, para você discutir com um sujeito desse, você precisaria entrar no plano de realidade dele, mas acontece que no plano de realidade dele só existe aquilo que ele tomou como elemento para construir esse discurso circular, não podem entrar coisas de fora! Oapelo à experiência é inútil, porque ele pode usar os mesmos nomes para designar os objetos da experiência, mas ele está pensando outra coisa.Eu garanto pra vocês o seguinte: o MST está cheio de gente que está vivendo de verbas do governo, e mais verba do Bolsa Família, e sem produzir nada. Mas cheio, cheio, cheio, cheio, cheio. E, no entanto, eles se sentem explorados –o eles estão vivendo com um dinheiro que não foram eles que produziram. Foi tomado, literalmente tomado dos outros. Foi tomado de quem, tomado dos ricos? Não, foi tomado

de todo mundo que paga imposto. E quem paga imposto? Todo mundo paga imposto (você não compra uma caixa de fósforo sem pagar imposto). Então eles estão vivendo de dinheiro público e se sentem explorados. O sujeito sugere o seguinte: 'quer trocar'? Mas acontece que o papel que ele assumiu, perante ele, dentro da sua visão da transformação histórica, é o papel do explorado que vai destruir o explorador. Então ele só pode entender as coisas dentro desse enredo!

Olha, eu garanto pra vocês: sobretudo hoje em dia, quando a gente fala em ideologia, nós só temos praticamente, só existe uma ideologia em circulação que é essa ideologia revolucionária. De certo modo ela se unificou. Ou seja, o que foi nos anos 30 – o você tem uma pluralidade muito mais rica de discursos ideológicos diversos – hoje não, hoje tem praticamente um só. Eu garanto que de tudo, tudo, tudo, tudo isso que eu estudei, eu nunca vi essas pessoas dizerem a verdade sobre coisa nenhuma (pode ser que elas tenham dito às vezes, mas eu nunca vi). Tudo, toda a versão da história, a interpretação dos fatos, etc., o que os caras acreditaram e que eu na minha juventude aceitava como se fosse uma coisa óbvia.

Depois, quando eu me afastei da esquerda, eu não passei para a direita, eu fui pra casa estudar! E durante vinte anos esses caras ainda me chamavam de companheiro, como se eu fosse um deles. Eu não tinha nada contra eles, ao contrário, de vez em quando ainda ajudava um. E fui verificando essas coisas, e eu posso garantir pra vocês: depois de trinta anos de estudo, eu nunca encontrei uma coisa que eles dissessem que fosse verdade – nada, nunca! Parece exagero o que estou dizendo, mas tudo aquilo o que eu pude verificar (por exemplo, se eles tinham preconceito contra um cara, xingavam um cara), falei: bom, vamos ver o que foi que o cara disse mesmo! Quando você vai ver... Meu Deus, era o contrário! É um negócio incrível!

Por exemplo, passei a vida ouvindo que aquele escritor francês Louis-Ferdinand Céline era pró-nazista, colaboracionista, etc, etc. Quando eu fui ver, esse cara cuspia no nazismo numa época em que os soviéticos estavam lá colaborando com o Hitler. Eu digo: ‘Ué, então virou o contrário?’ Quer dizer, em 39 o Céline estava descendo o cacete nos nazistas, e os comunistas estavam lá de namoro com eles no pacto Ribbentrop-Molotov. E na França, quando os alemães chegaram, já se formou imediatamente a resistência. Os comunistas foram os últimos a entrar na resistência. Por quê? Porque estavam no pacto Ribbentrop-Molotov – daí só entraram na resistência quando o Hitler atacou a Rússia. Até hoje você fica impressionado, por que quem criou a resistência foram os comunistas. Mas não tinha nenhum comunista lá, só tinha reacionário! São justamente aqueles caras que a turma diz que era colaboracionista, que era fascista e não sei o quê, esses eram os grandes inimigos do nazismo. E os outros não eram. Isso é uma coisa escandalosa, até hoje a gente fala e as pessoas têm dificuldade de acreditar, porque pela lógica interna do raciocínio marxista, teria que ser o contrário.

E um raciocínio lógico é muito fácil de você pegar. Um macaco, se você ensinar, ele repete. Papagaio, galinha – até galinha! Agora, a verdade dos fatos não é assim. Ela não é fácil de pegar. Ela tem mil lados e você tem que cavar e ir buscando aquilo aos poucos. Aí então, é claro, o que é mais

persuasivo? A lógica interna de um sistema imbecil é muito mais persuasiva do que qualquer realidade a respeito do que quer que seja!

Aluno: Não sei como lhe agradecer pela aula passada (de psicologia). O senhor me deu respostas para perguntas que me inquietavam há muito tempo, que não sabia nem por onde começar a esclarecer. Sem dúvida essa aula foi um tesouro. O que o senhor acha das práticas ascéticas?

Olavo: Já expliquei. O que interessa não é a prática ascética, é o *para quê* você a está fazendo. E se você está fazendo para o motivo certo, você vai regular a prática ascética (ou a falta dela), na dose certinha para alcançar o objetivo. Senão, a prática ascética vai comer você! Você quer gente que fez mais prática ascética do que os cátaros, por exemplo? Era prática ascética o dia inteiro. A turma do Gurdjieff faz um negócio que eles chamavam sobre-esforço (sobre-esfuerzo). Era prática ascética... Por exemplo, mandavam pintar uma parede inteira com um cotonete...

Aluno: (continuação) Será que elas podem ajudar no estudo?

Olavo: Está aí a resposta. Deixa as técnicas pra depois. Primeiro você se concentra no objetivo. No objetivo, nos valores, no grande sonho da sua vida e tudo aquilo que mexe com você inteiro e que é importante pra você inteiro. Tudo aquilo que desperta realmente a sua inteligência, a sua capacidade, a sua coragem; é isso o que interessa: você se concentrar naquilo que você realmente quer.

Aluno: (continuação) Quais são as suas advertências/recomendações?

Olavo: Precisamente essas.

Aluno: P.S.: Gostaria de lhe perguntar se as demais aulas podem ser disponibilizadas para outras pessoas de fora.

Olavo: Não. Essas aulas aqui só podem ser assistidas por quem assistir na ordem. Pra assistir na ordem 'neguinho' tem que entrar no *Seminário de Filosofia* e fazer uma por uma. Senão isto só vai gerar confusão. Um dos motivos de eu ter inventado esse curso é pelo seguinte: eu dei muitos cursos, mas era um pedaço aqui, um pedaço acolá, outro pedaço acolá... Não tinha continuidade e as pessoas pegavam esses pedaços, achavam que aquilo era tudo **[03:20]** e daí começavam a tirar conclusões a partir daquilo, até a ensinar aquele negócio e fizeram uma confusão miserável. Então falei: bem, nós precisamos de um curso onde as pessoas vão gradativamente assumindo a responsabilidade praquilo que aprenderam. E o único jeito é esse: é fazer um compromisso pra você ficar até o fim. Então esse curso é pra quem está nesse curso.

Aluno: Quando eu tinha dúvidas sobre a existência de Deus, eu lhe escrevi um e-mail fazendo perguntas, mas você não me respondeu e hoje compreendi bem o porquê. Entendi bem o que você falou sobre o discurso do céptico: quando eu era céptica, antes de ler as Confissões de Sto. Agostinho eu realmente

tinha dúvida da existência de Deus. Eu queria compreender isso. Eu não fingia. Acho que faltava algo, eu entrar nessa realidade. Como eu poderia entender a existência de Deus se não conseguia conceber e [3:21:16 entronizar (?)] sua existência e sua transcendência?

Olavo: Esse é o grande problema! Aquilo que você não consegue nem imaginar você não vai saber se existe ou não!

Aluno: (continua) A partir do momento que tive tal insight, pude compreender essa linguagem. A compreensão ao discurso mudou. Mas eu não tinha nenhuma intenção por trás, de vencer no discurso.

Olavo: Isso é importante. Então você estava buscando a realidade mesmo!

Aluno: (continuação) Eu realmente queria entender essa verdade que muitos acreditavam e eu não conseguia. Por isso penso que talvez não haja fingimento, pelo menos não conscientemente. Abraços e agradeço por essas aulas maravilhosas que me têm dado o cimento para a compreensão da realidade.

Olavo: Mas aí é que está o negócio! Você tem toda a razão! Bem, se a pessoa ao mesmo tempo quer saber se Deus existe... (Cai a conexão a 3:22, retomando a 3:22:03 mudando de assunto)

Aluno: Numa aula anterior do Seminário o senhor comentou que para apreendermos os aspectos na filosofia ou teoria temos de, em princípio, imbuirmo-nos daquelas idéias, evitando discutir com o autor. Pergunto: como posso estudar um autor que, em função de algumas leituras anteriores, já considero desmoralizado intelectualmente? Talvez o exemplo mais notório que posso lembrar é o de Karl Marx. Já li vários livros que desmontam as idéias marxistas, mas sei que estou longe de ser um especialista no assunto, é claro. Será que dentro desse quadro vale a pena eu ler o imenso calhamaço que é O Capital, mesmo sabendo que irei discordar de praticamente 60% da obra? Como lidar com esse problema? Pois são vários os autores aos quais tenho sólidas objeções como Kant, Descartes, etc.

Olavo: Bem, ainda que você saiba que o sujeito está 100% errado, na hora que você vai lê-lo você vai ter que fazer o esforço de pensar como ele. Quer dizer, você vai ter que deixar a sua imaginação trabalhar no sentido em que ele está querendo. Não dá pra você fazer isso com o livro inteiro (você ler o livro inteiro assim só na base da aceitação passiva pra depois você rever tudo, mesmo porque você, quando chegar no fim, não vai lembrar do começo). Então, você vai ter que ler um trecho e, sinceramente, tentar imaginar aquilo como o sujeito está falando. Para isso você não precisa negar o que você já sabe, certo? Você simplesmente faz de conta que você é um ator no teatro representando aquilo pelo método Stanislavski, e que na hora que você vai dizer aquilo, você tem que acreditar naquilo. Depois que fez isso, acabou o espetáculo, você volta pra casa e imagina as coisas do seu próprio jeito. Imaginar do seu próprio jeito não significa criar opiniões contrárias. Significa daí você deixar que as suas evocações tragam para você os elementos faltantes para a compreensão do texto.

Por exemplo: logo no começo do livro de Karl Marx, ele diz que a complexidade, que a imensidão dos fatos, não permitem o uso do método indutivo, mas que é necessário fazer uma abstração inicial. E com base nisso ele cria então a teoria do valor. Ele diz que o valor de uma mercadoria é a quantidade de trabalho socialmente necessário para produzi-la. Bem, nós podemos imaginar que a coisa é assim. Quer dizer que uma mercadoria, um objeto produzido pelo homem condensa em si uma certa quantidade muito complexa de esforços que foram necessários para produzi-lo. Acho que é perfeitamente aceitável você imaginar que a coisa é assim. Então, na verdade, só porque ele disse que é assim você imagina que é assim. Está bem, não há problema nenhum. Porém, depois que você leu esse pedaço, você pode dizer: 'bem, agora, deixa eu conferir isso com o que eu sei e com o que eu posso evocar'. Então, você imagina a quantidade de trabalho socialmente necessário pra produzir qualquer coisa. E você pergunta: bem, isso representa um valor para quem? E daí você procura no Karl Marx. Para quem é esse valor? Não tem. Então você tem que completar: é o valor em si – não é para mim, não é para o outro, não é nem para o consumidor, nem para o produtor, nem para o observador e nem o economista, é o valor em si. Então o valor em si passa a ser uma entidade metafísica. É o que a coisa vale em si. Agora, o que significa valer em si? É perante Deus, perante a eternidade? Você vai dizer: não, não pode ser porque Karl Marx não acredita em Deus. Então falo eu: jamais saberemos o que é esse raio da coisa do valor. Você não precisa contestar a noção, você não precisa brigar com ela... Basta você entender que o sujeito não disse absolutamente nada! E daí você vai ver que tudo o que ele está dizendo está estruturado nesse negócio de... Você não vai agüentar ler O Capital inteiro. Você não vai agüentar porque é tanta besteira que ele constrói em cima disso - 'acho que agora não dá mais'. Agora, se você não percebeu isso logo no começo, vai ser difícil. Para perceber você não precisa brigar com ele, é só você tentar conceber aquela coisa tal como ele disse. Você não contestou nada! Você: 'espera aí, deixa eu entender o que ele disse, tentar imaginar a coisa tal como ele disse'. Então o valor é o valor objetivo, independentemente do processo econômico, da troca (bem, se você conseguir conceber isso como uma coisa real, você me avisa, porque eu não consigo). 'Tem um valor', logo, um valor pra mim tem que ser um valor para alguém. Até hoje eu não entendi aquilo e asseguro pra vocês: Karl Marx também não entendeu, porque não há o que entender.

E o problema é que *O Capital* e as outras coisas (tudo o que ele escreveu) também estão cheias de coisas assim. Embora, de vez em quando, aqui e ali tenha alguma análise muito penetrante de alguma coisa. Quando você pega ali nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, em que ele diz que o dinheiro acaba por se tornar o objeto em si, o supremo fetiche, porque tudo “só vale pela sua possibilidade de ser transformado em dinheiro”, eu digo: ele está supondo que ninguém jamais comprou alguma coisa para fazer algo. Por exemplo, eu imagino um sujeito: ele está num hotel cinco estrelas; ele tem muito dinheiro no bolso e ele chama uma garota de programa. Foi pra quê? Foi pra trocá-la por mais dinheiro? Se fosse assim ninguém jamais compraria um carro, porque carro no ano seguinte já vale a metade. Ora, o que ele diz sobre o dinheiro como fetiche é totalmente contraditado pelo que ele mesmo diz sobre valor de uso e valor de troca! Se o valor de troca se sobrepusesse de

tal modo à realidade dos objetos, não haveria consumidores. Ninguém consumiria nada, só trocaria. Quer dizer, mas que raio de economia é essa? Aliás, no mundo de Karl Marx não há consumidores, só há burgueses e proletários. Só [se] produz o tempo todo e nunca [se] compra coisa nenhuma. Tudo isso é assim por quê? Porque eu tentei imaginar o mundo de Karl Marx, só que, quando eu tento, fica faltando alguma coisa. Como é que eu fiquei sabendo isso? Discutindo Karl Marx? Não! Sinceramente tentando imaginar as coisas do jeito que ele dizia, então você tenta, tenta e tenta e vê que não dá, não completa. Então, aquilo é que nem a opressão do céptico, é uma coisa que dá pra falar, mas não dá pra pensar, muito menos dá pra ver na realidade. A obra de Karl Marx é inteirinha assim, na parte teórica; agora, tem uma parte de comentário político, [toda uma análise que ele faz] das situações reais Aí ele se sai melhor, porque Karl Marx era apenas um jornalista, um jornalista de talento; aí ele era bom.

Aluno: A interpretação literal dos enunciados dos primeiros filósofos, como, por exemplo, a famosa oposição de Tales, seria também um bom exemplo da perda que se tem da experiência real quando se atenta apenas ao discurso, pois, afinal, perde-se então o viés metafísico e metafórico da experiência desse filósofo?

Olavo: Mas é claro! Você não pode esquecer o seguinte: quando esses camaradas pensavam em fatos do mundo físico, não existia física atômica, por exemplo. Empédocles falava dos quatro elementos, não eram elementos no sentido da tabela periódica dos elementos. Isto apareceu milênios depois. Não eram elementos no sentido físico, não era possível que eles pensassem assim. Agora, se você perder essa riqueza simbólica metafórica que você falou, então não sobrou nada. Parece que eles estão dizendo uma besteira, e tem muitos livros de história da filosofia que são exatamente assim. Por exemplo, livros que vêm assim: 'Alquimia, alquimia foi o precursor da química', mas como precursor da química? Que eu saiba, a química procurou fazer algo bem diferente do que os alquimistas queriam fazer. Como é que você pode ser o precursor de uma coisa que não era o que você queria fazer? Por exemplo, eu estou aqui querendo construir uma casa e faço um baita esforço para construir a casa. Daí chega outro sujeito que acha melhor comprar um carro. Eu fui o precursor dele? Não faz o menor sentido. Quer dizer, entre o universo da química e o universo da alquimia [há] uma diferença abissal. Agora, que alguns, no curso do que eles estavam pretendendo fazer, desenvolvessem algumas técnicas químicas é absolutamente inevitável. Mas isso é a mesma coisa que dizer que os escritores da antiguidade foram os precursores da fabricação de tintas, não é assim? Tinta pra escrever, ou precursores dos computadores ou precursores dos processadores de texto. Shakespeare foi o precursor do *Windows Word*. Quer dizer, são frases que não fazem o menor sentido. Só pode ser considerado precursor do outro se estão tentando fazer a mesma coisa, e ele fez até uma etapa e o outro veio e prosseguiu. Agora, se esta tentando fazer alguma coisa completamente diferente e resultou casualmente numa terceira, não é precursor coisa nenhuma, é simplesmente mudar de assunto.

Aluno: Então a melhor hermenêutica de um texto é aquela que descreve a experiência mais significativa e ao mesmo tempo mais coerente com os

símbolos evocados pelo autor, certo?

Olavo: Claro. É exatamente isso.

Aluno: Esse sentido de pertinência é melhor aprendido mediante o esforço de reconstruir as impressões do autor e levar a dizer o que ele disse; contudo, esse critério pode entrar em conflito com a interpretação literal que visa o texto como objeto.

Olavo: E o que é essa interpretação literal? Essa que nós estamos fazendo é a mais literal que existe, porque ou ele se refere a alguma coisa ou ele não se refere a nada. Se ele se referisse somente ao significado das dicionarizadas palavras ele estaria se referindo a outras palavras, as quais, por sua vez, se referiam a outras palavras e assim por diante indefinidamente. Então nós viraríamos o Jacques Derrida e diríamos [que] *todos os textos falam apenas a respeito do próprio texto*. Não pode ser isso, a interpretação literal.

Nós estamos tentando chegar à interpretação a mais literal possível, que é aquela que vai contrastar as invocações que cada palavra do texto despertam em mim com aquelas que têm de ter despertado no autor pra ele dizer as coisas no modo como ele [as] disse.

Por exemplo, se eu sei que educação é um processo muito complexo de vai e vem e que ainda existe auto-educação e etc., e o sujeito está falando apenas de educação como uma ação num grupo sobre outro. Digo que não é possível que ele ignore isto aí. Será que ele nunca aprendeu nada sozinho? Toda a ciência do Kurt Lewin, onde que ele aprendeu? Foi na escola? Alguém meteu aquilo na cabeça dele? Não. Ele descobriu sozinho, ele sabe o que é auto-educação. Se ele esta excluindo é porque ele excluiu de propósito, ele só quer falar disto. Onde existe a margem de erro aí? A margem de erro é zero.

O objetivo disto é você chegar na interpretação exata, as outras não são exatas. Se você fizer só a analise de texto baseada na idéia de que é apenas um texto, e que o máximo que você pode chegar é ao sentido dicionarizado das palavras, você jamais terá a idéia do objeto do qual o sujeito esta falando, [e vai se perguntar]: será que a interpretação literal do texto é aquela que diz que ele não diz absolutamente nada? É auto-contraditória. O que você diria do texto do Kurt Lewin? Nada, porque o texto não disse nada e isso é interpretação literal? É. E eu digo: e a interpretação literal do que você acaba de dizer? Também é esta. Então, todas as interpretações literais são iguais. Todo mundo só diz uma coisa, isto é, nada. Veja, a idéia de interpretação literal – sem esse trabalho de evocação pra dentro e para cima –, você esta inventando, esta procurando o que esta dentro do texto e o que esta para cima dele e que, vamos dizer, confina ou se mescla com a sua experiência, está certo? E se você não conseguir, com esses dois pontos, o ajuste exato de foco, não há outra maneira que você poderia ter, só essas duas. Ou você lê o texto sabendo que ele se refere a alguma coisa, e que esta coisa são elementos de experiência que são acessíveis ou diretamente através de imaginação, e que ali se estabelece uma área de convivência entre a consciência do autor e a sua – ou você faz isso –, ou você diz que só existe o texto que, por sua vez, fala de outro texto e que fala de outro texto e no fim ninguém disse nada a respeito

da realidade. Mas se é assim, então você não lê texto algum porque você já sabe que todos eles dirão absolutamente nada. Resultado: não há outro método. Então fiquemos despreocupados, nós não vamos ter esse problema não.

Aluno: Estive lendo um livro sobre a ética judaica, A ética do Sinai, *de Irving M. Bunim...*

Olavo: Eu não li esse livro.

Aluno: ...E me deparei com a Mishiná[10] *nº9, que diz o seguinte* "Interrogue exaustivamente as testemunhas, contempla bem as paredes da tua casa: você estará fazendo algo que tenha vergonha de revelar a corte celestial? Examine a sua alma diariamente e considere que tipo de testemunho está acumulando. Avalie continuamente o seu comportamento tanto em seus negócios quanto em sua participação na comunidade. Esteja consciente dos testemunhos que está acumulando. O que dirão as paredes da sua casa? O que sua alma irá revelar? Você serviu ao Eterno com alegria?"*. Percebo em muitas considerações não só nesta perspectiva, mas em outras que vi nesse livro, semelhante à biografia pessoal como fonte da sinceridade filosófica em busca da unidade do real e da unidade da consciência e vice-versa. Contudo, vemos que essa pratica é mais clara nos padres da Igreja.*

Olavo: Sim, sim, a confissão é um dos elementos centrais do cristianismo, tem muito mais insistência nesse aspecto no cristianismo do que no judaísmo, então existe toda uma, digamos assim, *tecnologia* voltada a esta coisa. **[03:40]** É a perspectiva cristã, já que neste caso a confissão passa a não ser somente uma simples prática moral, assumindo isto posto um momento de humildade fundamento da união do cristão com a autoridade divina.

Bom, acho que eu falei disto no começo, uma das coisas que justificam a confissão é a simples percepção da incomensurabilidade entre a sua figura histórico-biográfica terrestre e o que Deus preparou para você. Veja, pensa bem, você é capaz de conceber para você mesmo – digo, para Deus e os anjos – a beatitude eterna? Não é concebível pra nós. Nada do que eu faça ou deixe de fazer pode produzir uma coisa dessa. Então, o que interessa? O que interessa é a tentativa de você dar a Nosso Senhor Jesus Cristo o mais mínimo pretexto pra Ele botar você lá. É só isto. Por exemplo, eu me lembro, várias vezes eu orei a Deus pedindo que ele me revelasse os meus pecados quantitativamente um por um. Ele nunca fez isso, ele nunca me atendeu. E os padres que eu confessei, bons padres, bons confessores aceitavam a confissão genérica, eu digo "Olha, padre, eu não me lembro de tudo, mas genericamente eu fiz isso aqui, um montão de vezes, de várias maneiras diferentes etc. Foi isso aqui..." E o padre diz "Está bom". Isso quer dizer que a confissão não é pra lembrar tudo, é só pra dizer que o negócio é incomensurável, eu não consigo sequer lembrar os meus pecados, não é? Veja que coisa? Veja que miséria? Então o que eu posso fazer pela minha própria salvação? Não posso fazer nada e, no entanto, eu tenho que fazer alguma

[10] A **Mishná**, também conhecida como **Mixná** ou **Mixna**[1] (em hebraico משנה, "repetição", do verbo שנה, ''*shanah*, "estudar e revisar") é uma das principais obras do judaísmo rabínico, e a primeira grande redação na forma escrita da tradição oral judaica, chamada a Torá Oral. Provém de um debate entre os anos 70 e 200 da Era Comum por um grupo de sábios rabínicos conhecidos como 'Tanaim' e redigida por volta do ano 200 pelo Rabino Judá HaNasi. In http://pt.wikipedia.org/wiki/Mishn%C3%A1

coisa, você esta entendendo? Então isso tem uma estrutura paradoxal, ao passo que aqui nesse livro, nessa instrução do rabino, essa instrução literal, você tem que fazer isto assim, assim e assim. Então o texto está falando de uma conduta real que você tem que ter.

Então, note bem que aqui ele não esta falando da salvação da alma, ele esta falando apenas, pode se dizer, em manter a honra do povo. Esta aqui o povo sagrado, Deus deu a missão e você tem que cumprir. Ninguém está falando em salvação. Salvação por salvação você tem que fazer do mesmo jeito, é uma outra perspectiva. Na versão cristã essa coisa é muito mais dialetizada e muito mais conflituosa, quer dizer, o negócio de pecado e graça é muito mais... você está constantemente indo de um pro outro e de outro pro um; isso nunca acaba, não é? E, às vezes, quanto mais o sujeito vai melhorando mais atormentado ele vai ficar, e isso é assim mesmo que funciona.

Aqui tem um aluno pedindo uma orientação pessoal. Olha, é o seguinte: dentro desse seminário aqui, daqui a pouco eu vou abrir um espaço para essas consultas pessoais. Eu não posso fazer isso ainda, mas eu vou fazer. Vou dar um jeito de criar um sistema onde dê pra conversar com alunos individualmente. Eu não sei como vou operacionalizar isso porque eu não tenho tempo pra mais nada, mas vamos dar um jeito. Então, você espera mais um pouco. Aqui o nome do aluno é Igor. Espera um pouco, Igor, que eu vou dar um jeito nisso, daí nós conversaremos. Não pense que é só você que fez esse pedido não, muita gente faz.

Aluno: Antes de perguntar, quero sempre agradecer...

Olavo: Eu que agradeço.

Aluno: ...Sem dúvidas esse curso já está provocando transformações em mim, as quais jamais pude imaginar.

Olavo: Sim, o fato que não pode imaginar porque nunca ninguém disse pra eles o que são as possibilidades da consciência humana. No Brasil, as pessoas são todas educadas pra virar bichinhos. É uma coisa de um desprezo pelo ser humano, que é nojento. Cada um chega lá, cada ministro da educação, cada educador e quer limitar você ao tamanho da cabeça dele – que é um microcéfalo. É uma coisa horrorosa. Se você é um educador mesmo, você espera o quê? Você espera que seus alunos floresçam que apareçam ali vinte ou trinta gênios, não é isso? Espera realmente que a inteligência das pessoas, não só a inteligência, mas sua força de existir a sua personalidade, tudo isto cresça muito, está entendendo? Ninguém planta uma planta para ela definhar. Mas em educação, ao contrário. Você já esta lá podando, querendo que a coisa definhe desde o início, por quê? Porque a educação no sentido que está estudando, o nosso amigo ali [Kurt Lewin] – é a ação de um grupo sobre o outro. A educação é essencialmente a ação de um grupo sobre o outro? Não. O sujeito ativo do processo educacional é o aluno e não o professor. A função do professor não é agir sobre o aluno. Se for agir sobre o aluno já está errado. Ele tem que abrir possibilidades de ação para o aluno, isto sim. Mas não é o professor que vai fazer, é você quem vai fazer – e vai fazer se quiser. Quer dizer, o Kurt Lewin está estudando a ação como programação de

comportamento.

Aluno: ...Penso que talvez o foco das minhas indagações que seguem não seja um tanto específico para o curso, se não for possível responder em aula... Estou concluindo o terceiro ano de direito, mas desde que comecei o curso de filosofia estou praticamente tendo que rever todo o curso de direito.

Olavo: Ótimo. Foi pra isso mesmo.

Aluno: ...As questões que me surgem quando leio os livros de direito ou acompanho a aulas, embora eu prefira mais os livros do que os professores, me deixam cada vez com menos respostas, talvez isto no entanto seja bom.

Olavo: É claro, porque está abrindo perspectivas imensas do que pode ser a ciência jurídica. Do que ela tem a capacidade pra ser. Você vai ver que muitas dessas coisas que você descobriu como possibilidades, elas já estão realizadas por grandes autores do passado que não foram mencionados no seu curso, mas que você vai descobrir com o tempo. A bibliografia sobre ciência do direito tem coisas absolutamente maravilhosas, então todo mundo pensa que o direito é um treco chato e não você não sabe o que é isso, é lindo, maravilhoso.

Você pega ali "As lições de filosofia do direito", de Giorgio Del Vecchio, a maior parte é história da filosofia do direito e você vai vendo cada coisa absolutamente genial que os caras foram descobrindo ao longo do tempo.

Aluno: ...Qualquer livro de direito sempre inicia com a seguinte afirmação: "O direito é um conjunto de normas, princípios e regras cujo objetivo é organizar a dada sociedade". Porém, lendo seu texto O que é o Direito*, outras observações suas sobre o direito, feitas em outros textos; mais alguns textos de Nivaldo Cordeiro, combinados com o que estou aprendendo no curso, tudo me tem criado, digamos, um problema. Se buscamos a verdade na realidade, se a técnica filosófica consiste em saber transpor a realidade em conceitos e isso consiste na realidade efetiva, não entendo porque o direito natural acaba sendo deixado de lado em face do direito positivo, que é como me parece o que quase todos os doutrinadores aceitam. O professor Miguel Reale explica em suas* Lições Preliminares de Direito *que não é possível reparar direito da realidade, parece-me um caminho diferente que corrobora a necessidade de compreender o direito antes como direito natural.*

Olavo: Está correto, corretíssimo – se bem que eu não gosto do tema do direito natural. O direito natural está pressupondo uma fonte natural de direito, mas isso não faz sentido. O que há é um direito sobrenatural permanente. O que existe é uma ordem divina e cósmica. Se você for procurar na natureza – presta atenção – você vai encontrar aspectos que a confirmam e elementos que a desmentem. Então a natureza não é propriamente o lugar mais certo pra você procurar as fontes permanentes do direito. Mas a natureza pode servir como um indicador de um mundo que esta para além dela, que é o mundo da ordem divina. Depois eu explico melhor isso aqui.

Aluno: Se eu pensar dessa forma, não tem como eu concluir que o direito já

está lá. Assim como tudo que buscamos conhecer já está lá e precisamos, como o senhor costuma ensinar, descascar pra conhecer a verdade.

Olavo: Sim, mas o que faziam, vejam os filósofos antigos, por exemplo, Platão. Ele queria conhecer o quê que é o bem, o que é o certo. Ele não está perguntando o quê que é esta sociedade acha que é o bem, o quê que aquela outra acha que é o bem, porque só vai chegar em inconclusões ou em conclusões contraditórias.

Aluno: Portanto, aceitar o direito natural e descascá-lo é fundamental pra aprender a realidade do direito **[03:50]**.

Olavo: Você tem toda a razão, quer dizer. Pensa assim, existe o bem e o mal, existe o certo e o errado, nós não sabemos direito o que é e as nossa maneiras de dizê-lo, nossa maneiras de aprendê-los são enormemente contraditórias. Porém, isto é precisamente o que vale a pena investigar. Tem que investigar isso como faziam os antigos. Para Aristóteles e Platão, não existia o negócio que era o ser para um lado – a realidade, a verdade – e de [lado] outro o valor. O supremo bem para Platão não era um valor, era o Ser, era o próprio Ser. Duns Scott dizia “o Ser e o Bem são a mesma coisa”. “Esse et Bonum convertutum”, quer dizer “o Ser e o Bem se convertem um no outro”. Logicamente, se convertem um no outro. Por que é assim? Bom não vai dar pra explicar isso nessa aula, mas nós vamos voltar neste assunto logo, logo; de qualquer maneira, você esta na pista certa, pode ir em frente.

Bom, acho que por hoje já temos. Nossa! 21h30, 22h30, bom foi um excesso. Então quatro horas e quinze minutos de aula. Então é isto, já posso concorrer com Fidel Castro. No Paraná eu dava oito horas de aula. Então, até semana que vem. Muito obrigado.

Transcrição realizada por: Rodrigo Fernandez Peret Diniz, Rômulo Coutinho Araújo, Ronald Pacheco Pinheiro, Klauss P. Tofanetto, Eduardo Queiroz, Cynthia Leite.
Revisão realizada por: Gustavo Nogy.